DÉLIA

(MARIA BENEDITA CÂMARA BORMANN)

UMA VÍTIMA

DÉLIA

(MARIA BENEDITA CÂMARA BORMANN)

UMA VÍTIMA

1883

INTRODUÇÃO, ATUALIZAÇÃO DO TEXTO E NOTAS

NORMA TELLES

2012

ÍNDICE

PRIMEIRAS PALAVRAS 5

REFERÊNCIAS 16

UMA VÍTIMA 17

I 17

II 21

III 25

IV 31

V 37

VI 43

VII 47

VIII 51

IX 55

X 61

XI 67

XII.....75

XIII.....81

XIV.....89

XV.....95

XVI.....99

XVII.....105

XVIII.....111

XIX.....117

XX.....125

XXI.....131

XXII.....137

XXIII.....145

XXIV.....151

PRIMEIRAS PALAVRAS

Norma Telles

A coluna bibliográfica da página dois de *O Paiz*, em 7 de fevereiro e 5 de março de 1885, comenta a situação da literatura, faz uma defesa do romance, incomum para a época, e saúda o lançamento de livros de Délia. O comentarista escreve:

"O belo romance *Uma Vitima* é um drama familiar. Mostra-nos a mulher tal que deve ser, superior e bela, virtuosa e meiga, pleno coração de afetos e esperança, capaz de sacrifícios e resignação. A esta jovem virtuosa, protagonista do romance, é contraposta a mãe: "Melania é o contraste repugnante da interessante filha cuja beleza e dotes inveja".

As qualidades que o resenhista destaca na jovem personagem resumem o ideal de mulher do século XIX: bela, virtuosa e meiga; um ser sem história própria sempre resignada e pronta a grandes sacrifícios pelos seus. A moça fora educada com esmero, além de frequentar o colégio tivera "professores especiais de alemão, italiano e música", o que era muito mais do que a educação padrão da maioria das moças de alta classe de então, e isto contribuíra, talvez,

para lhe aguçar a inteligência, ao mesmo tempo em que reforçara as prendas do anjo que não era formado para conversar sobre nada além de amenidades.

Filha única e muito querida de um jurisconsulto e deputado geral, a jovem se interessou desde cedo por figuras de antigos tribunos cujos traços projetava no amantíssimo pai, exaltando-lhe a figura. A relação pai/filha é de proximidade, muito amor, camaradagem, comunhão de ideias e companheirismo. Uma relação no limite da incestuosa que reflete traços do Romantismo, pois o fascínio pelo incesto era uma obsessão muito difundida nos enredos dessa tendência cultural.

Porém, esse retrato de jovem angelical é apenas uma primeira impressão, a personagem há de se mostrar bem mais complexa em seus atos e em suas motivações. O conflito mãe/filha, central na trama, derivava de uma relação fria, distante e sem amor. "Melania era uma dessas naturezas superficialmente frívolas, mas eivadas de revoltante egoísmo", descreve Délia. Os nomes atribuídos às duas personagens já apontam a oposição: a jovem é Lucia, do latim lux, que significa luz, brilho, enquanto Melania, significa sombrio, escuro, negrume. Um conflito entre mãe e filha, escuridão e luz. A mãe enigmática e gélida, a filha doce, ingênua, mas capaz de tramas e manipulações. As duas trancadas nas definições sociais impostas por seus respectivos papeis. Papéis intercambiáveis, a filha haveria de se tornar esposa e mãe e a mãe já fora filha, únicos papeis reservados às mulheres que não precisassem ou quisessem ficar à margem da sociedade de então. As duas transgressoras das imposições.

A mãe logo se mostra má, porque indiferente à filha e invejosa de sua juventude, assinala o resenhista. Porém, é preciso notar que a definição da mãe como má se explicita mediante os padrões sociais que definiam a natureza feminina somente como capaz de reprodução e dedicação aos seus, enquanto qualquer outro anseio, desejo, ambição, ou sentimento contraditório como a indiferença pela filha transformavam-na em uma mulher má, em monstro. A oposição anjo/monstro, um dos inúmeros binarismos através dos quais a sociedade se compreendia, implica que se um dos polos é bom, luminoso, o outro necessariamente será mau, escuro e sombrio. Mãe e filha não são parceiras, mas espelham-se em suas diferenças e ideais como partes de uma mesma figura na sociedade urbana burguesa que universalizou e naturalizou as oposições.

Se a relação com o pai mostra elementos românticos na trama, a relação com a mãe, e principalmente o comportamento desta, exibe traços do Realismo. A literatura realista, como a Naturalista, ataca o alicerce da vida burguesa, o casamento, através das misérias e mazelas escondidas naquela instituição, e o faz condensando-as no adultério que ao contrário do matrimônio pragmático se funda na luxuria ou no conforto material. O adultério era tido como resultado tanto de questões de educação quanto, principalmente, de distúrbios fisiológicos ou psíquicos. O egoísmo nesse quadro é a marca do caráter da mulher adúltera.

Uma cena familiar não usual é o motor narrativo dramático ao mesmo tempo em que introduz os outros personagens que formam o quarteto central do romance: Caetano o pai da jovem protagonista e Rodolfo de Souza um dos rapazes que frequentava a casa. O marido e o amante são aqui os correspondentes as duas figuras de mulher. E,

como as personagens femininas, os homens também recebem nomes próprios que expressam característica ou alguma qualificação: o pai porta nome de origem italiana, melhor dizendo romana, o que faz a ligação com os antigos tribunos que a filha menina admirava e indica pessoa inteligente ou atraente, enquanto Rodolfo, apelação de origem germânica, se refere a lobo ou guerreiro, aqui de uma batalha sem glorias.

O encontro dos quatro ocorre na sala de estar da casa e é impactante. Certa tarde, seguimos a narrativa, quando a jovem, então com dezenove anos, escuta uma balburdia e vai averiguar a razão do barulho, descobre a mãe a discutir raivosamente com um moço, fazendo uma cena de ciúmes que leva a filha a perceber a situação. "E via a baixeza da mãe, dessa entidade que sempre nos deve aparecer como encarnação do bem e da virtude". Sofria a moça como nunca, mesmo a indiferença materna em relação a sua pessoa não a desgostara tanto. Indignou-se percebendo a traição ao pai. E eis que de repente Caetano, o marido e pai, entra na sala e ao se deparar com a esposa e o rapaz empalidece.

Lucia age rápido, compreende a agonia e as dúvidas paternas, teme que ele mate a esposa e desgrace a própria vida. Então sai detrás da cortina, aparentando calma e serenidade e conta ao pai que Rodolfo, acabara de pedir sua mão em casamento. Caetano, muito surpreso, não concorda com a escolha da filha, mas pressionado pela insistência da moça, acaba aceitando a situação. A seguir, sozinha com os amantes, Lúcia toma as rédeas da situação e impõe a cada um o papel que passarão a representar dali em diante para ocultarem a verdade em benefício do pai. Comenta o resenhista do Oitocentos:

"Não fora a originalidade do quadro, o brilho do colorido, a correção das linhas, a delicadeza dos toques e a sombra leve contrastando com a violência da situação, a simplicidade só dessa narração [...] aproxima-se do sublime e deleita e comove!" E mais a frente acrescenta: "uma qualidade brilhante da escritora, [ela] sintetiza em uma frase um mundo de ideias e é familiar a sua locução, o que faz a riqueza de seu estilo narrativo e com que seja o seu livro escrito para todos, mais ainda, talvez, para as mulheres do que para os homens, tanta é a elegância e a harmonia da linguagem, tanta a delicadeza da observação".

Lucia cria uma trama familiar que impõe sofrimento e silêncio aos personagens e a ela, especialmente, o sacrifício de sua vida. Dispõe que o amante da mãe se case com ela, explicando: "caso-me com o senhor aparentemente; nada de comum haverá jamais em nossa existência!". O casal irá morar *à la francesa*, isto é, em quartos separados. Rodolfo que estava ali envolvido em um *affaire* casual e passageiro se vê compelido a participar da farsa.

Além do mais, a jovem exige que ele não volte a se aproximar de Melânia que é obrigada a abafar seus rugidos de ciúme. O pai, se não gostou do casamento da filha, ficou contente por ela pretender continuar morando em sua casa o que lhe permitiria gozar de sua companhia com maior frequência. Montada a cena, atribuídos os papeis, a cortina de hipocrisia permite que o enredo siga na direção prescrita pelos bons costumes, embora as distorções de uma vida falsa, aqui mais intensificada do que em circunstâncias comuns, infrinja profundo sofrimento às personagens.

A jovem Lucia sacrifica sua vida não só por amor ao pai, mas também pela ambição política que projeta nele cujo projeto político apresentará a seus pares quando o momento chegar. Defendia a Abolição da escravidão, criação de imposto territorial, um modo de fragmentar a grande propriedade e imposto de renda. Maria Alice Rezende de Carvalho menciona a apresentação de um projeto de imposto territorial ao Parlamento, em 1882, portanto um ano antes do romance de Délia, por um deputado liberal, inspirado em programa de conhecidos homens públicos de então. Délia talvez esteja transpondo essa proposta para o romance, talvez não, mas de qualquer modo o que demonstra é que as ideias atribuídas a Caetano expõem as questões que então eram discutidas.

No romance é descrita uma sessão da Câmara, mencionando a presença de moças e mulheres acompanhando os debates. Délia critica as motivações de algumas que ali estariam como em um simples evento mundano, sem entender os impasses e as grandes causas discutidas, Délia lembra exemplos de mulheres que se destacaram durante Revolução Francesa, Mme Roland e Charlotte Corday como exemplos a serem seguidos nas lides públicas.

Mme Roland foi influente entre os Girondinos, refletiu sobre a situação da mulher e foi uma unanimidade na admiração do século XIX. No século que se seguiu foi criticada por várias de suas posições e mais tarde reavaliada como escritora. O debate expos as dificuldades das negociações de uma mulher para se tornar autora reconhecida. Ao caminhar para a guilhotina, conta a lenda, Mme Roland avistou uma estátua da Liberdade e teria dito: “Liberdade, liberdade, quantos crimes se cometem em seu nome!”

Charlotte Corday, era também partidária dos moderados girondinos, e se voltou contra Marat, deputado da convenção, que acusava de incitar o Terror. Por isso, solicitou uma audiência que ele lhe concedeu na banheira onde passava os dias para amenizar um problema de pele, e o assassinou, cena imortalizada em vários quadros célebre. Corday foi guilhotinada quatro dias depois. Os dois exemplos que Délia escolhe como modelos para as mulheres, demonstram qualidades para articulações políticas e envolvimento com a ação, além da difusão de ideias próprias através da escrita no primeiro caso e a violência contida no peito de uma mulher capaz de apunhalar o homem no coração em defesa do que acredita.

Lucia então não se sacrifica somente por amor filial, mas em prol de um projeto político de transformação da sociedade, projeto este que como mulher não poderia levar avante. O pai, no entanto, como Ministro, poderia tentar aprovar reformas. A relação incestuosa pai/filha, assim, mostra mais um aspecto, a impossibilidade da afirmação assertiva da moça mesmo através da identificação com o homem. A autonomia é negada pela parceria incestuosa que ao ligá-la ao criador parece torná-los iguais. A igualdade, mesmo a parceria, não se dá, pois, a fantasia ou realidade do incesto é a melhor estratégia para, metaforicamente, aniquilar a diferença – a autonomia – da mulher. Incorporar o outro é negá-lo. O desejo de violar o tabu é o desejo de ser autossuficiente – de autogerar – e este, como mostram Gilbert e Gubar entre tantas outras teóricas, é um desejo interdito às mulheres naquela sociedade.

O nome do pai evoca também o compositor da música que estrutura os compassos do enredo, a ópera Lucia de Lammermoor, de Caetano Donizetti que desde sua primeira apresentação, em 1835

e até hoje é justamente famosa e apreciada. O libreto, baseado em um romance de Sir Walter Scott, narra os desencontros amorosos e uma briga entre famílias. O libretista, Cammarano, tomou liberdades com a estória, mas manteve a loucura e a morte como ponto alto do enredo. Atestando seu prestígio, essa ópera aparece em várias obras literárias, como em *Ana Karenina*, de Tolstoi (1875), em um romance de E.M.Foster e, com destaque em *Madame Bovary*, de Flaubert, autor apreciado por Délia que em *Uma vítima* também coloca a loucura e a morte como temas centrais.

Ema Bovary, narra Flaubert, ao assistir aquela ópera deixa-se levar pelo embalo da melodia, "sentia-se vibrar com todo seu ser", ao assistir ao tenor fantasia que "poderiam ter-se conhecido e amado e então ela teria uma vida esplêndida visitando todos os reinos da Europa". Possuída pela loucura pensa que o tenor, "estava olhando para ela, com certeza! Sentiu vontade de correr para seus braços de se refugiar em sua força, como na encarnação do próprio amor [...] A cortina caiu (Flaubert:274)". Emma Bovary entediada com sua vidinha burguesa sonha com uma vida alternativa e ao tentar seguir suas fantasias se enreda em engodos que a conduzirão também para o desatino e a morte.

Muito da fama dessa ópera se deve a cena da loucura. Lucia ama Edgardo, mas há traições por toda parte e ela acaba casada com alguém que não ama. Na noite de núpcias apunhala o esposo e desce a escadaria com o vestido de noiva tinto de sangue. A musica se torna estranha e a voz humana se embaralha, sumindo, enquanto o delírio toma conta da cantora que se refugia em si mesma, ensimesmada, escapando assim da realidade pela loucura e então pela morte.

No quadro histórico do XIX, a ligação entre mulher e loucura foi percebida de dois modos: a loucura como um dos males da mulher e a loucura como natureza feminina se desvelando diante da racionalidade científica masculina. No sistema de linguagem binário, as mulheres eram colocadas no polo natureza, irracionalidade, silêncio e corpo, enquanto os homens eram locados ao lado de razão, produção cultural, discurso. A associação mulher/loucura fez a loucura ser considerada uma enfermidade feminina.

No livro de Délia, mãe e filha resistem aos papeis que as confinam a casa de bonecas da feminilidade burguesa. A saída, no entanto, não conduz a novos caminhos, ao contrário, prende as duas a possibilidades previstas: uma enlouquece, torna-se histérica, a outra se imola no altar do sacrifício. Note-se que há uma inversão em relação à ópera, aqui Lucia é a voz da razão e quem enlouquece é a mãe, o que mais uma vez mostra como as duas são aspectos de uma mesma realidade. A histeria já foi vista por alguns como um modo inconsciente de rebeldia para as mulheres. Todavia, é preciso ter cuidado e não romantizar a loucura como rebelião desejável, o que ela não é, é uma comunicação enganosa que causa sofrimento e não possui nenhum poder.

Os Românticos foram fundamentais para tornar cult a loucura e o fizeram através de três figuras exemplares: a Ofélia suicida, a sentimental Crazy Jane e a violenta Lucia inspirada na obra de Donizetti. A Lucia violenta é o avesso da personagem do romance de Délia onde a mãe é tomada por ataques, convulsões, delírios e desvarios; torna-se encarnação das trevas. De qualquer modo, mesmo na ópera percebe-se que a agressividade da heroína acaba se voltando contra ela própria, embora assassina ela não escapa da

dominação masculina, lembra Showalter. Toma a forma idealizada pelas construções da cultura masculina: absolutamente irracional, totalmente emocional e após um único ato, totalmente passiva.

Na trama de Délia, a mãe delirante passa por todos os tratamentos oferecidos pela medicina de então, até mesmo é levada ao hospital parisiense onde novas descobertas feitas por médicos famosos eram aplaudidas em espetáculos públicos. Podemos supor que Délia esteja se referindo ao dr Charcot (1825-1893) que conduziu seu trabalho sobre a histeria na clinica parisiense da Salpêtrière a partir de 1870. Famoso, a partir de 1880 seu trabalho era conhecido entre nós, pois era amigo de D. Pedro II que frequentava as reuniões em sua casa no Boulevard St Germain e assistia, com a elite parisiense, aos espetáculos na Salpêtrière. A partir de 1887 o Imperador se tornou também um paciente e seu atestado de óbito, em 1891, foi assinado por Charcot. Mas esses médicos famosos e seus métodos espetaculares não serviram em nada a personagem Melania, que definhou delirante, internada em algum asilo.

Longe da idealização da loucura, estudiosas contemporâneas como Showalter, Chesler ou Clément pensam que os desvios e rebeliões das histéricas eram cuidadosamente programados e delimitados pela ordem social. A histeria seria tolerada pelo fato de não ter em realidade poder para efetuar mudança cultural; seria mais seguro para a ordem patriarcal permitir e encorajar mulheres descontentes a expressarem suas transgressões através da doença psicossomática do que tê-las agitando a economia e os direitos legais. No contexto do final do século XIX a histeria era no melhor dos casos uma resposta privada, não efetiva às frustrações de suas vidas. A gratificação imediata – a simpatia da família, a atenção do médico –

eram mínimas em relação aos custos em silêncio, debilidade e impotência.

Uma vítima desenha um retrato acurado da vida na sociedade do Rio de Janeiro no início da década de 1880 e localiza os estreitos espaços femininos. Apontamos alguns temas de leitura, mas para conhecer a resposta à indagação - valeu a pena o sacrifício de Lucia? - é preciso chegar às páginas finais. Em relação à opressão e à vitimização das mulheres somente uma década mais tarde, em outro romance, Délia apresentará condições para uma vida de mulher criadora e livre.

No geral, será preciso esperar quase um século para que historiadoras, críticas literárias e filósofas, na onda do movimento feminista dos anos 1970, desvelem em maiores detalhes os dispositivos e formas da sociedade tornar as mulheres vítimas, algo antecipado na trama e nas personagens mãe e filha - as vítimas - nas linhas e entrelinhas do romance que aqui apresentamos.

REFERÊNCIAS

BROCA, Brito. *Naturalistas, Parnasianos e Decadistas*. Campinas: Unicamp, 1991.

CARVALHO, M. A. Rezende de. *O quinto século*. Rio de Janeiro: Revan, 1998.

CHESLER, Phyllis. *Women and Madness*. New York: Harvest, 1989.

CLEMENT, Catherine. *A opera ou a derrota das mulheres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

FLAUBERT, Gustav. *Madame Bovary*. Paris: Pocket, 1990.

GILBERT, S e Gubar, S. *Madwoman in the Attic*. New Heaven: Yale University Press, 1979.

SHOWALTER, Elaine. *The Female Malady*. New York: Penguin, 1985.

UMA VÍTIMA

I

Na sala de um dos melhores colégios de meninas desta Corte, acham-se: a diretora, francesa de quarenta anos, simpática e amável e o Dr. Caetano Pinto, distinto jurisconsulto, deputado geral, fisionomia inteligente, fronte altiva, maneiras irrepreensíveis – perfeito *gentleman*.

- Sua filha é um tesouro, senhor, e foi a minha melhor discípula, disse a francesa. O deputado sorria comovido e ia responder, quando a filha assomou à porta.

Era uma mocinha de 15 anos, esbelta, fresca, adorável em sua *toilette de crepe-paille*[1]; vinha corada, com os olhos úmidos e uma sombra de melancolia no peregrino semblante.

Lúcia acabava de despedir-se de suas companheiras de estudos e das professoras que a prezavam; deixava essa habitação calma, onde a vida corria pautadamente e ia internar-se no bulício da sociedade.

[1] Traje de tecido leve cor de palha.

A alma cândida da donzela estremecia ante o desconhecido, ante o problema do futuro.

O pai foi-lhe ao encontro, abraçou-a e beijou-a. -Então, filhinha! sê forte! ainda me queres privar mais tempo da tua companhia? Virás sempre ver tuas amigas e reviver os anos da infância. Isto não é um desterro!

Lúcia lhe sorria por entre lágrimas; abraçou a diretora, que se sensibilizou, seguiu o pai e entraram na elegante vitória, que partiu a trote largo.

Caetano Pinto casara aos vinte e cinco anos com Melania Amália Costa, interessante diabrete de quinze anos, que o enfeitiçara para sempre.

Era Caetano filho único do desembargador Manoel Pinto, íntegro magistrado, homem de vastos conhecimentos e grossa fortuna.

A mãe, idólatra, grave e inteligente, guiou-o desde a infância na senda do bem, da virtude e da honra.

O feliz mancebo herdara as qualidades do pai e os ternos e elevados sentimentos da mãe: reunia em si a essência desses dois seres, extremamente afetuosos e bons.

Formou-se em direito, pagou à literatura o seu juvenil tributo em versos de rendilhado lirismo e entregou-se à advocacia.

Desfrutava a vida alegremente; teve aventuras de rapaz bonito, portou-se galhardamente para com as mulheres, que o distinguiram,

e no dia em que se sentiu preso à imagem de Melania, pôde encarar o passado sem pejo e sem remorso.

Desposou a galante criatura e, um ano depois, era pai da pequena Lúcia.

Sua alma de poeta curvava-se extasiada e trêmula, ante o berço da menina, linda, mimosa; seu terno coração criava um mundo à parte, onde a filha deveria encontrar, mais tarde, olímpica felicidade.

Melania não pôde criá-la. Caetano desvelava-se em adular e presentear a alemã, que amamentava Lúcia: nada faltava à boa mulher, que alegremente lhe dava o leite, e ficou no fim da criação com o futuro garantido.

À instâncias da mulher, Caetano foi à Europa, deixando Lúcia com a avó: custou-lhe muito deixar a filha, porém Melania tão porfiadamente[2] lhe demonstrou os incômodos de uma longa travessia com a menina, e realçou o devotamento da sogra, que ele cedeu às razões da mulher e aos protestos de sua mãe: beijou loucamente a criança e embarcou, saudoso.

Durante dois anos percorreu as capitais européias, admirando o belo, mas sempre pensando na filha: às vezes parecia-lhe que Melania amava friamente a menina, porém seu apaixonado coração imediatamente a defendia, levando essa indiferença à conta da leviandade da moça.

E, com maior meiguice ainda, cercava a mulher de carinhos e desvelos; concluía, culpando-se de haver desposado uma criança.

[2] Obstinadamente, com perseverança.

II

Regressando à pátria, Caetano encontrou Lúcia forte, rosada, faladora, saltando-lhe ao pescoço, subjugando-o à sua vontade, dormindo-lhe ao colo, prendendo-o aos seus caprichos. Encantado, feliz, curvava-se aos desejos do anjinho, com a alma em júbilo, sem o mínimo enfadamento.

Teve o desgosto de perder o pai e, dois anos depois, a mãe, que não pudera resignar-se com a morte do leal companheiro da sua juventude.

Lúcia tinha, então, cinco anos, chorou muito a morte da avó, obrigando Caetano a devorar as lágrimas para que ela não as visse e, no despotismo da menina, achando ele um consolo peculiar.

Era forçado a sair com a filha, a levá-la ao Passeio Público, onde ela ia ver o cisne, dar-lhe pão e correr pelas alamedas, como formosa borboleta, volvendo ao pai, olhando-o em face, apertando-lhe o rosto com as mãos nervosas, quando a melancolia o pungia.

– Ri, paizinho, não fiques assim! dizia ela, prestes a chorar.

E Caetano sorria, satisfazendo à ansiedade daquele inquieto espiritozinho.

As crianças, como os pequenos animais, só procuram aos que as acariciam. Lúcia pouco se chegava à mãe: beijava-a, às vezes, receosa, com certo cuidado, como se temesse amarrotá-la ou desgostá-la.

Eram uns beijos convencionais, sem efusão, em que a criança suspirava, inconscientemente, por se sentir constrangida; não tinham o sabor dos selvagens abraços que dava ao pai.

Aos sete anos, Melania quis que ela fosse para o colégio, como pensionista, porque estava insuportável e travessa.

Caetano sobressaltou-se, sentiu o coração intumescido e disse:

- Concordo em pô-la no colégio, já que assim o queres, mas como externa; para que a privar, ainda tão pequena, dos nossos carinhos?

- Ora! também muito cedo entrei em um pensionato, o que não me fez morrer, visto me achar sã e forte, diante de ti! acrescentou Melania, com firmeza.

Caetano adorava a filha, mas amava ardentemente a mulher, a quem se habituara a ceder: calou-se, lutando entre seus dois afetos.

A essa cena assistira a menina, pálida, com as lágrimas nos cílios, querendo gritar e protestar; mas, olhando para o pai, lera-lhe a íntima agonia: sua alma amorável e feminil adivinhou a hesitante fraqueza de Caetano, entre a afeição que a ambas votava.

Chegou-se mansamente para ele, afagou-o e disse:

- Sossega, paizinho, eu vou... ouviste?... Tu irás ver-me, não é?... terei juízo... estudarei... queres?... Olha, ficarei muito contente!

E as lágrimas cobriam-lhe as faces.

Caetano tomou-a nos braços, beijou-a, loucamente, dizendo:

- Irás contente? mas choras! meu bem!

- Não!... não chorei!... vou contente. Tu irás buscar-me aos sábados, passearemos, não é? Mamãe, posso vir todos os sábados? Inquiriu ela, súplice.

- Sim! respondeu Melania.

A menina, sorrindo, fugiu dos braços do pai e correu para o jardim: ia febril, doente, refreando os soluços.

Quando se julgou bem longe, caiu de joelhos na areia, debruçando-se em um banco, com a cabeça sobre os braços, rendendo-se a copioso pranto.

Chorou o seu primeiro pesar, sentiu o peito doer em acre saudade, lembrando-se de que deixaria o pai, os brinquedos, as árvores e as flores.

O colégio, as mestras, as condiscípulas apareciam-lhe como cruéis fantasmas, porque significavam somente a ausência do pai e do que lhe era caro.

Cansada, sentou-se no banco, olhou em torno, desfolhou algumas primaveras que lhe estavam ao alcance, mirou as reverberações do sol nas vizinhas clarabóias e cerrou as pálpebras.

- Oito dias! tanto tempo! e, contando pelos dedos, chorou de novo.

III

Quando Lúcia teve de seguir, beijou a mãe, com os olhos vermelhos, cerrando os queixos para não chorar; no carro, deitou a cabeça nos joelhos do pai: na banqueta fronteira, levava um regimento de bonecas e brinquedos.

Estando no colégio, olhou sobressaltada para a diretora, deixou-se beijar pelo pai, sem poder falar, sofrendo muito.

Chorou loucamente quando se despediu de Caetano; a diretora tomou-a ao colo para consolá-la e, com bondade, mostrou-lhe as companheiras, obedientes, risonhas, entretidas com os trabalhos.

Um tanto tristonha, ao princípio, Lúcia obedecia e estudava de boa vontade.

No primeiro sábado, em que Caetano a foi buscar, chorou ao abraçá-lo contou-lhe o que sofrera, prometendo, contudo, habituar-se à separação.

Passeou depois com o pai, conservando-se sempre a seu lado, aproveitando bem todos esses felizes instantes.

Durante oito anos, ele ia visitá-la todas as quartas-feiras, animado-a, servindo-lhe de carinho, consolo e estímulo: a menina era o seu luxo e o seu orgulho.

Inteligente, curiosa, Lúcia aprendeu com facilidade: Caetano lhe enviou professores especiais de alemão, italiano e música: queria que ela soubesse mais do que em geral se aprende nos colégios.

As horas eram empregadas em estudos diversos, o que a distraía e fazia voar o tempo: não tinha ocasião de se aborrecer, nem de se abismar em cismas prejudiciais.

Em sua alma fresca e amoldável, só uma imagem se estampara, resumindo o que há de mais belo e elevado: era o pai.

Lendo os feitos heróicos da antiguidade, entusiasmando-se pela grandeza de alguma ação nobre, o perfil paterno, varonilmente acentuado, apresentava-se a seus olhos, úmidos de emoção.

Aos treze anos, Caetano quis retirá-la do colégio e concluir em casa a sua educação, mas a alma sensitiva de Lúcia adivinhando o enfado materno adiou a ventura de conviver com o pai.

Ele cedeu, assegurando-lhe que, aos quinze anos, a levaria consigo, raptando-a, se preciso fosse.

Chegara, enfim, esse termo tão ardentemente esperado. Feliz, contente, como colegial em férias, viera buscá-la para instalá-la no mimoso ninho que a sua ternura alcatifara[3] de flores e tetéias.

---

[3] Revestir; atapetar.

E, de mãos dadas, como ingênuos namorados, deixavam-se embalar pelo trote dos soberbos cavalos.

Ao entrar em casa alegre, risonha, deparou com a mãe que lhe fora ao encontro.

Melania achou-a crescida de mais e muito bonita, apesar de vê-la de oito em oito dias; sua fisionomia alterou-se um pouco, notando esses dois inconvenientes da filha.

Lúcia sentiu no coração gélida sensação, empalideceu e, sorrindo de modo angélico, disse:

- Paizinho! como minha mãe está formosa! envergonho-me de ser sua filha! Parece minha irmã!

E abraçou Caetano que sorria, radiante, procurando no contato de pai um consolo à dolorosa decepção que a mãe lhe causara.

Melania enrubescera, aguilhoada por uma espécie de remorso ante a candura da filha e retomara seu ar prazenteiro, docemente lisonjeada pela opinião da mocinha.

A pobre criança lia facilmente, com a superioridade de sua grande alma, no miserável coração materno.

Melania era uma dessas naturezas superficialmente frívolas, mas eivadas de revoltante egoísmo.

Casara muito jovem para ter a primazia sobre suas amigas de colégio e porque o noivo era interessante e rico.

Compreendeu cedo o império que exercia sobre ele: viu que a amava com tamanho extremo, que nem notava o pouco que ela lhe dava e deixou-se amar, com a serenidade de um ídolo incensado.

Há naturezas idólatras que se aprazem em fervorosa devoção, sem reciprocidade ou premio: assim era Caetano.

Melania admitia aquela adoração, porque lisonjeava-lhe a vaidade e satisfazia o seu egoísmo.

Caetano tornara-se o seu primeiro admirador, o seu escravo submisso e reverente.

E esse homem superior, de perigosa sagacidade, cuja fina ironia amedrontava aos seus adversários políticos, não sabia ler naquela alma de mulher grosseiramente tosca.

É que o amor veemente cega!

Lúcia herdara do pai a extrema ternura e essa infinita necessidade de se dedicar a outrem.

Sua alma primorosa confrangia-se, com temores de rola, ao encarar a vilania ou a deslealdade alheia.

Desde muito cedo, compreendera que incomodava à mãe e sofrera por isso em todas as idades: à medida que o espírito se elevava, o desgosto também crescia, porque melhor penetrava e conhecia as misérias humanas.

Seu pobre coração em flor ressentiu prematuramente o doentio cansaço que a experiência da vida produz, desbotando as juvenis ilusões e enlutando as doces alegrias.

Caetano desejou dar grande baile para apresentar a filha à sociedade, fazendo-a estrear no mundo ao som de suaves melodias.

- Não! acudiu Melania, aparecerá quando voltarmos da Europa.

Opunha-se ela porque preferia mostrá-la ao regresso, isto é, dilatava a aparição da gentil criatura, em quem via uma rival.

Como sempre, cedeu Caetano e partiram: dessa vez ia contente, desvelando-se pela filha, servindo-lhe de cicerone.

À bordo começou o império de Lúcia sobre os inflamáveis corações dos *flaneurs* do tombadilho! fez sensação e era disputada nos jogos e na dança.

Ela sorria aos ridículos esforços de seus apaixonados, como rira, em criança, das cambalhotas grotescas dos macacos de realejo; advirta-se, porém, que esses últimos lhe haviam merecido um pouco de compaixão pela pressão que sofriam de seus tiranos.

.

.

IV

Na Europa a idolatria de Caetano pela filha não se alterou: levava-a, pelo braço, aos jardins, aos museus, aos *ateliers* modernos, comentando e fazendo-lhe notar todas as maravilhas, com seu espírito artístico, sentindo verdadeira ventura na afinidade dos seus gostos e apreciações.

Era bem sua filha essa encantadora e adorável criatura!

E, à sombra dos castanheiros do Luxemburgo, tecia esplêndido futuro para Lúcia, que sorria em gentil amuo, dizendo:

- Ora! Só casarei com o homem a quem muito amar; será difícil, pois o amor, que te voto, absorve-me toda. Não creio que possam viver no mesmo coração dois sentimentos tão fortes!

- Sim? oh! meu anjo! nunca me deixes! exclamava Caetano, conchegando-a ao seio, com os olhos úmidos, nadando em egoístico júbilo, vendo-a sempre sua, sem dividir aquela alma, que lhe pertencia inteiramente.

Às vezes, quando pensava que Lúcia casaria, um dia, odiava, ferido por delicado ciúme, ao futuro genro.

Santo ciúme paterno, feito de receio, tristeza e leve despeito!

Três anos depois voltaram ao Brasil: Caetano deu, então, grande baile, onde apresentou a filha aos amigos e conhecidos.

Desde esse momento, a corte de pretendentes começou a desfilar ante ela, linda, serena e risonha.

Ia a todo gênero de divertimentos; era um adorno, um encanto pela beleza e pela distinção de sua educação.

Recusara muitos casamentos e afagava a idéia de permanecer solteira, quando cruel incidente lhe toldou a vida inteira.

O crepúsculo descera lentamente e Lúcia deixara-se ficar ao piano, tocando músicas dolentes, imensa em sombra, com a indefinível melancolia das almas poéticas.

Tocou até não distinguir mais nada; querendo encontrar a mãe, penetrou em elegante gabinete, espécie de *buen-retiro*[4], onde Melania recebia os seus íntimos.

Havia duas janelas, deitando para a rua, encobertas por cortinas de damasco e uma só porta: Lúcia entrara, com prazer, nesse recinto, impregnado do perfume de muitas flores e chegou à janela para admirar o céu, cintilante de estrelas.

---

[4] Bom retiro, nome de um jardim renascentista em Madri, meio ao qual se construiu, no século XVII, o palácio real. O parque foi aberto ao público no século XIX e abrigava a única estátua de Lúcifer, de 1884, que se conhece na Europa. Desde sua construção tornou-se sinônimo de lugar aconchegante e privativo.

Completara dezenove anos, era alta, flexível, perfeitamente torneada, e sua fisionomia, de suaves traços, avivava-se com o brilho faiscante de uns olhos enormes, que tudo diziam e, às vezes, pareciam sorrir.

Aspirou largamente a brisa que a bafejava e perdeu-se em cismas, mirando as serras sombrias que se estendiam no horizonte.

Achava-se em um desses momentos psicológicos em que a alma, saturada de ternura, está aberta a todos os sentimentos e paixões.

De repente, julgou ouvir passos, entravam no gabinete, puxavam violentamente a porta e a voz irritada de Melania lhe causou dolorosa sensação.

- É demais! exclamou esta.

Lúcia ia averiguar a razão de tamanha cólera, mas estremeceu, ouvindo as palavras abafadas de um homem: reconheceu-o.

Era Rodolfo de Souza, um dos rapazes que freqüentavam a casa, havia um ano.

- Melania! Dizia ele, não tem razão! Se não a procuro mais vezes, é por prudência e não por falta de afeto: duvida, então, do meu amor?

- Duvido! quando se ama sinceramente, comete-se toda a sorte de loucuras e não se raciocina tanto!...Naturalmente, tem onde ir e aproveita a mocidade, mas tome cuidado comigo: não tenho muita paciência e deitarei tudo a perder!

- Cara amiga! acalme-se, não compreende que também sofro por tantos constrangimentos? Mas a cautela assegura nossa ventura. Tenhamos paciência e constância.

São pretextos! disse Melania, querendo ainda protestar, porém o moço a cingiu freneticamente nos braços, beijando-a, com transporte.

Ela lhe sorriu, deixando-se cair no divã, extenuada.

Lúcia comprimia o coração, com as mãos trêmulas, temendo que lhe ouvissem as pulsações desordenadas: pálida, alucinada, duvidava dos seus ouvidos, sem sentir as lágrimas que lhe banhavam as faces.

Em um momento, com fulminante rapidez, fanara-se a pureza de sua alma virgem e uma dor medonha, indizível, esmagava-lhe as fibras mais suaves.

É tão doloroso, tão horrível, duvidar daqueles a quem devemos respeitar!

E via a baixeza da mãe, dessa entidade que sempre nos deve aparecer como encarnação do bem e da virtude.

Sofria como nunca, o desamor de Melania causara-lhe menos desgosto: julgava-a fria e frívola, mas não culpada!

Não havia amado, mas seu afetivo coração adivinhava naquela ligação uma nota discordante, que bania a desculpa e rebaixava o sentimento.

Sua alma angélica não saberia precisar o que suspeitava, porém compreendia que acertara.

Indignou-se, vendo que Melania traíra aquele marido, personificação de todas as grandezas, louco por ela, carinhoso, escravo de seus desejos.

Tanta superioridade não a impedira de se agradar de outro homem, inferior a ele em todos os sentidos.

Revoltou-se Lúcia à vista daquela deslealdade, feita a um ente digno, nobre e a quem sempre venerara como ídolo.

Quisera morrer, mas repeliu esse pensamento, lembrando-se de que o pai ficaria sem ela, sem os seus carinhos, que lhe serviriam de véu para lhe ocultar a terrível realidade.

Sentiu mesmo uma espécie de aversão pela mãe, à idéia do imenso afeto, que o pai lhe votava.

Cerrou as pálpebras para não ver aqueles semblantes lascivos, que se aproximavam em lânguidos beijos, frouxamente iluminados pela lâmpada opaca.

V

De repente a voz de Caetano se fez ouvir, clamando:

- Lúcia! Lúcia! e abriu a porta.

Deparou com a mulher e Rodolfo, sentados no mesmo divã: empalideceu horrivelmente, e perguntou com voz trêmula:

- Conspiravam de portas fechadas?!

Lúcia compreendeu a agonia do pai, viu o enleio dos culpados e, febril, saiu d'entre as cortinas, dizendo em voz sumida:

- Paizinho! conspirávamos!...

Vendo a filha, Caetano respirou e recebeu-a nos braços: foi instintivo e magnético amplexo, em que duas almas se uniram em mútuo consolo.

Estavam todos quatro lívidos, trêmulos, ofegantes, surpresos.

Caetano, mais tranquilo, repetiu:

- Conspiravam, então, filhinha?

- Sim! e contra ti!... Nós três formávamos o projeto de te furtar a adorada filha, disse ela lentamente.

- Como assim? Inquiriu Caetano, inquieto.

- O Dr. Rodolfo, com o meu consentimento, acaba de me pedir em casamento à mamã e eu, ali à janela, presenciei toda a cena.

Caetano teve um sorriso de júbilo, sentindo a dúvida dissipar-se inteiramente do seu espírito, mas incontinente franziu o sobrolho à idéia desse casamento.

Lúcia voltou-se para a mãe e o cúmplice, dizendo:

- Esperem-me na sala; lá irei ter! e deixou-se cair no sofá, pálida, fria, com a fronte aureolada pelo nimbo dos sacrificados.

Caetano chegou-se mansamente:

- É então verdade?... queres casar?

- Sim, paizinho!... não se zangues!... pediu ela.

- Amas muito a esse rapaz?... O que há nele para te prender tanto? Lembras-te que me disseste, muitas vezes, que só casarias com quem amasses? inquiriu ele, anelante, com os olhos cravados nos dela, onde se habituara a ler a verdade.

Lúcia fez violento esforço para o iludir, sorriu e, trêmula, disse:

- Amo-o!... mas não tenhas ciúmes!... Amo-te mais que a ele!

- Então fica solteira, não te cases! exclamou o pai.

A moça sentiu os soluços sufocarem-na e, febrilmente, segurou-o pelos ombros, dizendo com desespero:

- Tu me adoras não é?... mas também amas à minha mãe e não a deixarias por mim!... Pois bem!... meu marido será para mim o que ela é para ti!... Demais, ficarei nesta casa, não te deixarei nunca, ouviste?

E prorrompeu em pranto: Caetano encostou-a ao peito, beijando-a.

- O que tens? estás tão nervosa!

- Sem dúvida! Já previa a tua oposição! exclamou, torturada por lhe haver mentido.

- Lúcia! eu opor-me à tua vontade?... Não! se discuti foi por egoísmo paterno porque não vejo grande mérito no teu escolhido, mas farei tudo para o amar!

- Querias talvez algum príncipe? inquiriu a moça, tentando zombar.

- Oh! minha filha! e por que não/... Vales mais a meus olhos do que todas as soberanas da terra! respondeu Caetano com ternura.

- Consentes, então? Insistiu ela impaciente.

- Desde que o desejas, casa! disse ele tristemente.

Ela resvalou do sofá, conservou-se de joelhos, beijou-lhe as mãos.

- Adorado pai! Serás sempre o primeiro no meu coração!

Ele lhe abraçou a formosa cabeça, umedecendo-a de lágrimas, ergueu-a, apertou-a ao peito e saiu para chorar livremente.

Lúcia conservou-se imóvel, em doloroso espasmo, aniquilada, sem esperança, sem futuro, sem alegria, presa em círculo de ferro, atrelada para sempre à falta materna!

A fim de encobrir ao pai a revelação da irremediável desgraça, sacrificara sua existência, repelindo para longe os encantados sonhos da juventude.

- Meu Deus! meu Deus! exclamou ela dolorosamente.

No meio do seu torpor lembrou-se que a esperavam na sala e para lá se dirigiu, como espectro.

Fechou todas as portas e encontrou os dois, anelantes, debatendo-se em atrozes receios: caminhou para eles e disse à mãe:

- Sabe como leio no espírito de meu pai, vi o que ele suspeitava e empreguei o único meio que me ocorreu naquele momento, não só para salvá-la, como para poupar aquele coração!... Tudo ouvi, sem querer; achava-me à janela e só havia uma saída; mas... falaram muito alto e depressa, tudo me revelaram...antes que tivesse tempo de atravessar o gabinete!...

Voltando-se para o moço, acrescentou:

- Caso-me com o senhor aparentemente: nada de comum haverá jamais em nossas existências! Continuará a ter a antiga liberdade de rapaz, empregará todos os meios pra conservar meu pai na completa ignorância do que houve e não admitirei o mínimo descuido!... tudo

por ele e para ele!... Esse casamento se realizará quando minha mãe julgar conveniente... Não tenho escrúpulo de me impor à sua sorte, porque, se o não fizesse, meu pai mata-lo-ia, do que pouco se me dava, mas não quero que ele padeça, sendo bom e honesto! Serei, portanto, sua mulher apenas em nome, e garanto-lhe uma fortuna por minha morte!

- Minha senhora! exclamou Rodolfo, rubro de pejo.

Ela o mirou dos pés à cabeça com indefinível desprezo: ele empalideceu e disse com firmeza:

- Dispôs da minha vida, é justo que me ouça!...Cedi ao que determinou, não por medo, mas para salvar sua mãe!...Se houvesse somente a minha pessoa em jogo, o caso teria outro desfecho!... Sinto profundamente que deploráveis circunstâncias me rebaixassem aos seus olhos e procurarei atenuar o meu procedimento, por absoluta obediência.

Lúcia fez ligeiro sinal de aquiescência e saiu, trôpega, exausta, esbarrando nos móveis.

Rodolfo tomou o chapéu para se retirar, porém Melania, furiosa, segurou-lhe os pulsos:

- A culpa foi sua! exclamou. Se não me houvesse impacientado, nada sucederia! O que ela disse? será sua mulher aparentemente e dá-lhe toda liberdade! Amar-me-ás sempre, não?...

Ele a olhou, sem compreender, lívido, descontente consigo mesmo, irritado com tudo que sucedera, maldizendo os ardores de sua mocidade, que o haviam conduzido àquele resultado.

VI

Rodolfo de Souza era formado em direito, inteligente, simpático e afável.

Tinha trinta anos e deixara-se fascinar pela provocante beleza de Melania, aproveitando o que outro qualquer viria a desfrutar, caso ele se esquivasse.

Com enfado, conhecera-lhe o natural zeloso; chegara, por uma fatalidade, ao inesperado desenlace, relatado no último capítulo e arrependia-se sinceramente de haver cedido à tentação.

- Oh! maldita mocidade! maldita vaidade! exclamava ele. Como os homens são néscios tudo sacrificando por momentos de fugitivo gozo! Loucos! Desgraçados!

Mas, insensivelmente, sem refletir, sem indagar da causa, Melania desaparecia e Lúcia gravava-se no seu espírito, sinistra, implacável, de inquietante beleza.

Sentia vergonha e terror à lembrança da moça, porém a imaginação se obstinava em retratá-la, e ele extasiava-se perante aquela alma grande e terna.

Rodolfo compreendeu que devia frequentar poucas vezes a casa da noiva; conversavam, naturalmente, na presença de Caetano, porém, logo que o pai saia, Lúcia sentava-se ao piano e Rodolfo tinha de suportar as admoestações de Melania, feitas à meia voz.

Era uma tortura aquela existência, mas coisa singular, se lhe proporcionasse meios de se libertar, talvez ele os rejeitasse!

Viu-se preso àquela criatura meiga, forte, que o desprezava entranhadamente: esperava, porem, merecer-lhe um dia o perdão, e, quem sabe!...

Neste ponto suas ideias confundiam-se e o desalento atormentava-o.

Fugia de Melania que o impacientava, indo procurá-lo até em seus próprios cômodos de rapaz solteiro: ele a recebia de má vontade, assustado, tendo momentos de cólera e asco.

Quatro meses depois se realizou o casamento. Melania adornara, a seu gosto, os aposentos dos noivos: estas peças comunicavam-se entre si, mas os seus habitantes dormiriam separados, à moda francesa.

Ouvindo o padre lançar a benção nupcial, os pais e os nubentes estavam pálidos, trêmulos, agitados por sentimentos diversos.

Caetano sentia o coração engolfado em indizível tristeza, vendo que a filha lhe fugia dos braços, seguindo o destino de um homem que ele quase abominava, sem saber por quê!

Lúcia tinha o terror de quem despedaça o próprio futuro, sepulta a mocidade e o ansiar do virgem coração, trocando a liberdade de menina pelos deveres reais de um casamento aparente!

Conservaria a pureza do seu corpo, morreria casta e pura, mas deveria tolerar a presença do marido, vê-lo todos os dias, viver no meio daquela abjeção, presenciando as queixas e arrufos de Melania e o tédio crescente de Rodolfo.

Melania, lívida, abafava os rugidos de ciúme, temendo a influência de Lúcia, receando que ela um dia se apoderasse do marido, julgando-a assim sua *digna filha*, e ignorando que dera à luz um ser angélico, feito de pureza e ternura.

Rodolfo vergava abatido ao duplicado peso da cadeia que o prendia e, febril, desesperado, entre o desprezo que votava a Melania e o sentimento que o arrastava para Lúcia, tinha ímpetos de arrebatar a noiva e fugir para bem longe.

Olhou-a: orava, súplice, adoravelmente bela, com a cabeça de arcanjo, envolta no véu: o suave perfil e a prostração de sua atitude lembravam as estátuas tumulares.

Oferecia à Deus, naquele momento, o seu supremo sacrifício.

Então Rodolfo sentiu ardente desejo de lhe restituir a liberdade e desaparecer para sempre, deixando-a viver tranqüila, e animada nos braços do adorado pai.

VII

Dos quatro, só Lúcia conseguira dormir; à hora do costume, acordou, abriu a janela, contemplou o esplendor do sol e, mimosa, fresca, encantadora em seu branco *peignori*[5], desceu ao jardim.

Avistou Caetano, ao longe, dando-lhe costas, sentando tristemente no banco, onde se costumavam sentar, todas as manhãs.

- Pobre pai! murmurou.

E, suspirando, colheu as roupas[6] para não ser pressentida e aproximou-se, com precaução.

Chegou-se e, vivamente, tapou-lhe os olhos com as mãos aveludadas.

- Lúcia! Lúcia! exclamou ele, desatando-lhe as mãozinhas e levando-as aos lábios.

---

[5] No século XVII designava vestimenta colocada nos ombros de alguém ao pentear-se (peigner em francês). Roupão, robe, no século XIX.

[6] As saias longas e fartas.

Olharam-se: Caetano estava abatido, pálido, demonstrando os vestígios de cruel vigília, ela, rosada, cândida como sempre: ele soltou um suspiro de alívio e longamente a abraçou.

- Então ainda te lembras de teu pai? inquiriu.

- Sem dúvida! serás o meu maior afeto, meu primeiro pensamento ao despertar e o último ao adormecer! Respondeu ela.

Comovido, apertou-a ao coração, febrilmente, apesar de estar pouco convencido do que ela dissera: sentia imensa tristeza em a ver unida a alguém, em pensar que era menos sua que outrora.

- E...teu marido? Acrescentou com hesitação.

Lúcia empalideceu, olhou-o, querendo ler-lhe na alma e, afetando estouvamento, respondeu:

- Dorme!... naturalmente estranhou a mudança de cômodos...

Calculando, porém, que dizia tolices, enleou-se; debruçou-se para a frente, e designando-lhe uma esplêndida rosa branca, pediu que a colhesse.

Caetano conseguiu arrancá-la, depois de ferir os dedos, e deu-a à filha, prosseguindo:

- Talvez *ele* se contrarie, não te encontrando, ao despertar!...Vai, já tive a primazia em teu carinho, estou contente!...Doravante tens de repartir teus afagos!

E sorria o mísero ciumento, tendo na comissura dos lábios esse ligeiro tremor, precursor do pranto.

Lúcia ergueu-se, com ímpeto, movida por íntima indignação, mas lembrando-se em tempo da terrível realidade, deixou o corpo pender em lânguido desalento.

- Ora, paizinho! disse com voz dolente, temos a vida inteira para nos vermos! Demais, as mulheres devem tornar-se desejáveis e não ser pródigas de si mesmas!...

Corara a meiga criança, adivinhando, com seu pudor, que falara de modo inconveniente, mas aquelas palavras lhe saíram dos lábios sem consciência do que dizia.

Febril, nervosa, tomou o braço de Caetano; internaram-se pelas alamedas: ela falava, com certa volubilidade; não querendo dar ao pai ocasião de aludir ao marido.

Conseguiu-o facilmente, porque ele também buscava esquecer aquele importuno espectro.

Falando, gesticulando, Lúcia batia em todas as árvores com a linda rosa, fanando-a, martirizando-a, reduzindo-a a algumas pétalas escuras, queimadas, despedaçadas!

Mirou-a então com os olhos ardentes e julgou-a imagem da própria existência: a cada passo deixaria também uma alegria, um perfume de sua alma; arremessou-a, com ímpeto, no próximo tanque e tomou o caminho de casa.

Caetano não quis entrar logo, deixou-se ficar, acompanhando-a com a vista, surpreso e quase inquieto pelos modos da moça.

- Meu deus! quisera ser mulher, durante alguns minutos apenas, para decifrar este enigma, para ler no coração de Lúcia! murmurou ele.

Sabia que as mulheres jovens são fantásticas, caprichosas, incompreensíveis; isso o tranqüilizava um pouco sobre a excitação nervosa em que vira a filha.

VIII

À sineta do almoço, compareceram todos.

Olhando para Melania, Caetano achou-a abatida, de olhos pisados; julgando que o coração materno houvesse pulsado com mais precipitação durante aquela noite e, ternamente impressionado, abraçou a mulher com frenesi.

Lúcia apresentou a face à mãe e descorou, notando a palidez daquele semblante torturado pela vigília. Melania enrubesceu ao beijar a fronte fresca e serena da donzela.

Pela primeira vez, admirou com verdadeira satisfação a deslumbrante formosura da filha e não invejou a quietação daquele rosto aveludado, róseo, de infantil frescura.

Vendo Rodolfo, desfigurado, lançou-lhe torvo olhar cheio de censuras, zelos, interrogações e ameaças; ele baixou as pálpebras, rubro de cólera, desejando fugir daquele teto.

Para ocultar o constrangimento dos culpados, Lúcia falava sempre, sentindo essa fadiga moral, que embota a inteligência e paralisa a língua.

Ao ouvi-la, Caetano esquecia a solenidade da véspera, que a ligara ao marido e a julgava livre como outrora, sempre disposta a segui-lo por toda a parte.

No meio do almoço foram inconvenientemente interrompidos pela chegada de Bernardo José, compadre de Caetano, bajulador de primeira ordem, que vinha procurá-lo sob pretexto de eleições.

- Faça-o entrar, disse, um tanto contrariado, Caetano ao criado.

Bernardo José tinha quarenta e cinco anos, excessiva magreza, dez filhos e uma mulher colossal.

Pelo seu grande merecimento, pressentindo até onde chegaria Caetano Pinto, procurou ser-lhe apresentado, importunou-o com zumbaias[7] e presentes, visitou-o com a sacra família, e tomou-o para padrinho dos filhos não batizados e dos que se deviam crismar.

Caetano corajosamente o aturava, receando somente que pela fecundidade da robusta comadre fosse conduzido ainda mais vezes à pia batismal!

Protegia a Bernardo José, contribuíra para torná-lo primeiro oficial da secretaria do império, preterindo a outros, com mais direito; pagava os colégios dos afilhados e vestia-os.

Irritava-se, às vezes, com o servilismo do velhaco, mas continuava a lhe ser útil pela bondade de seu coração.

---

[7] Reverências, saudações cerimoniosas; lisonjas. (DH)

Demasiado se curvava Bernardo ante os homens altamente colocados, mas vingava, com usura, esse esforço de seu espinhaço, junto aos que lhe eram inferiores.

Então, os lábios crispavam-se desdenhosos, o olhar fulgia de atrevimento, o corpo erguia-se a prumo, a cabeça descaia para trás, causando receios de uma queda de costas, e assim restabelecia o equilíbrio dorsal.

Falava bem alto, libertando-se da surdina que usava nos salões dos grandes, gesticulava, impingia como suas as opiniões que ouvia e fazia figura no meio dos *beócios*, que o ouviam parvoeirados.

Na véspera, assistira ao casamento de Lúcia e fora um dos últimos a sair, acompanhado pela *ninhada* pretensiosa e mal amanhada, mas achara ensejo de aparecer cedo, no dia seguinte, para saborear o almoço e ter o prazer de se gabar de tão distinta companhia.

Depois de regalar o estômago, disse, ameigando a voz:

- Exma. Sra. D. Lúcia, tomo a liberdade de convidá-la e ao seu ilustre consorte, para padrinhos do meu último filhinho

A moça e Rodolfo lhe agradeceram a fineza; contudo Lúcia não se furtou a sorrir, vendo que o sarilho começava para si, e suspirando resignou-se.

Mais dois nomes aumentariam a série das Melanias Amálias e Amálias Melanias, com Lúcias Melanias e Amálias Lúcias, Caetanos Rodolfos e Rodolfos Caetanos: Bernardo tomara a peito esgotar todas as combinações, em que entrassem os quatro nomes.

Contente, bem disposto, agarrou-se a Caetano, que não pode deixar de levá-lo no *coupé*[8], atormentado, durante o trajeto, pelas suas palavras melífluas.

Só se descartou do importuno, ao entrar na câmara.

[8] Carruagem de quatro rodas, coberta, para um passageiro, inventada na França, sucesso em Paris e no Rio de Janeiro, onde foi muito usada por ministros, magistrados e diplomatas.

IX

Havia um ano que Lúcia suportava, a sorrir, o martírio de sua existência, mas o constrangimento contínuo alterou-lhe a saúde: estava magra e pálida.

Caetano, inquieto, consultou alguns médicos e todos prescreveram mudança de ares: ela prometeu obedecer, logo que se encerrassem as câmaras e o pai a pudesse acompanhar.

Então, partiram sós, porque Melania não podia tolerar a vida do campo e Rodolfo não deixava os clientes: escolheram Paquetá[9], a doce ilha formosa! como dizia Lúcia.

A casinha era fresca, alva, simplesmente mobiliada, no meio de grande chácara; o murmúrio da onda casava-se com o canto dos pássaros e o estridulo das cigarras; o sol dourava as telhas vermelhas do abençoado ninho.

[9] Uma tempestade fez D. João VI aportar na ilha de Paquetá e ele a chamou Ilha dos Amores, encantou-se e várias vezes ai esteve. Personalidades passaram a freqüentar a ilha a partir de então. Por volta de 1850 já havia serviço regular de barcas entre Rio e Niterói e em 1881 começa a operar uma linha de barcas entre Praça XV, no Rio, e Paquetá.

Pai e filha acordavam cedo e, de mãos dadas, saiam a passeio, serenos, contentes por se verem juntos, podendo livremente expandir seus corações, como outrora.

Matavam saudades do passado, do tempo em que viviam ternamente unidos, sem a inoportuna presença de Rodolfo, desse homem, que era a vergonha para Lúcia e o pesar para Caetano.

Ora a pé, ora de bote, passeavam, largas horas, esquecidos do mundo, entregues ao prazer de se olharem, comunicando suas mútuas impressões.

Depois do jantar, saiam ainda e voltavam para o serão, satisfeitos, respirando fortemente, impregnados da brisa marinha, acre e saudável.

Caetano sentava-se à mesa, coberta de tiras de papel e elaborava um belo trabalho sobre finanças, premeditado de há muito e sempre interrompido por mais urgentes ocupações.

À pouca distância, Lúcia lia ou cismava, interrompendo-se para contemplar o pai, atento ao que fazia, às vezes, com o sobrolho carregado, ora com a fronte iluminada pelo reflexo de sua grande inteligência.

Seu espírito idolatra conseguira tornar transparente o cérebro paterno: seguia, palpitante, a formação da idéia, nesses momentos de rápido esforço, e sorria, como um anjo de luz, quando o pensamento surgia complexo e arrojado, avivando a fisionomia de Caetano.

Magneticamente atraído, o pai retribuía-lhe o sorriso, adivinhando que ela havia lido em seu semblante e dizia:

- Viste?

- Vi! respondia , com voz de arcanjo. E voltavam ambos aos seus estudos, até à hora da ceia.

Aos domingos, Melania e Rodolfo iam passar o dia com eles, regressando à tarde: o tempo, então, parecia arrastar-se lentamente para a pobre Lúcia.

Em uma noite de luar, esplêndida, serena, em que as estrelas cadenciavam o seu cintilar com as ardências das vagas e com o luminoso perpassar dos pirilampos embrenhando-se nas noites escuras, perfumosas, brandas, Caetano, no bote, enlaçava o busto de Lúcia, sentindo no peito a doce pressão da ideal cabeça.

O bote resvalava ligeiro, contornando as margens virentes[10], como os batéis fantásticos das baladas do Reno.

- Olha, Lúcia, a pedra da *Moreninha* de Joaquim Manuel de Macedo. Que forma caprichosa!

- É verdade! e ali, além, naquele espaço do céu, sem estrelas, não te parece ver o azul sombrio das pupilas do poeta?

- Adorável visionária! exclamou o pai, estreitando-a docemente.

Calavam-se. Lúcia miava as projeções de luz e sombra, deixando os dedinhos, de unhas rosadas, encrespar a superfície das águas; de repente, suspirou.

[10] Verdejante, viçosa.

- Oh! paizinho! se pudéssemos viver sempre assim!...Vogar! vogar, sem nunca abordarmos!...Seria um sonho sublime, sem despertar, sem desilusão.

- Mas, que idéias são essas? Sofres, Lúcia? pesa-te alguma coisa? fala! Suplicou Caetano.

- Ora, nem sei o que sinto! Sou feliz!...nada me falta, principalmente quando te vejo a meu lado, e no entanto, a alma, essa louca, suspira, palpita, forma o vôo e quer fugir para desconhecidas regiões, com indefiníveis saudades!...olha, é uma coisa vaga, aflitiva, mórbida, a que denominarei – nostalgia do infinito~!...É uma ânsia surda, persistente, que faz chorar sem saber porque, é um desejo sem objetivo, é a exuberância da emoção, é a doença da mocidade!

- Lúcia! não chores! ... Como estás nervosa, filha! exclamou Caetano, absorvendo-lhe as lágrimas, com ansiosos beijo.

- Sossega paizinho, isso passa! As mulheres são umas pobres enfermas, como bem disse o meigo Michelet[11]: a brisa, o perfume, a vaga, o luar, tudo que encanta, às vezes, nos molesta!... Desejo envelhecer depressa! parece-me equilibrará essas estranhas sensações, dando calma e serenidade à minha alma!

Tomou-lhe Caetano a formosa cabeça, obrigou-a a fitá-lo e cravando-lhe os olhos disse:

- Mas, se és feliz, se amas, como podes sentir esse ansiar, feito de vagos desejos?! Quando o coração está cheio, a alma aquieta-se em ventura e nada mais quer! explica-me, pois, esse enigma, cara filha!

---

[11] Jules Michelet (1798-1874), historiador francês.

- Não sei, já disse o que sentia: meu espírito impalpável tem saudade do céu! Exclamou ela, sorrindo brandamente.

E silenciosos, tristes, saltaram em terra.

Passando por uma habitação iluminada, Caetano disse:

- É esta a casa onde se refugiou José Bonifácio de Andrada.

- Quero vê-la! respondeu Lúcia.

Bateram à porta e Caetano pediu ao inquilino que satisfizesse à curiosidade da filha: o morador, sabendo com quem tratava, foi bastante delicado, acompanhado-os em todos os aposentos.

Lúcia, presa de certa veneração, respirava nervosamente, julgando ver surgir a todo momento o majestoso vulto do venerando patriarca da independência.

Saíram satisfeitos, gravando na memória a disposição daquela casinha, onde dormira tranqüilamente, ouvindo o quebrar das ondas, a encarnação do civismo brasileiro[12].

[12] José Bonifácio de Andrada e Silva, o Patriarca da Independência, afastado da Corte, perseguido por defender abolição da escravidão e do latifúndio. Mantido preso até completar 70 anos viveu depois exilado em sua casa em Paquetá.

X

Felizes por se verem sós, permaneceram em Paquetá muitos meses, e ao regressarem à Corte, Lúcia mostrava-se corada como outrora e mais robusta, e Caetano terminara o seu importante trabalho sobre finanças.

O parlamento estava aberto e o ilustre deputado tomou posse do lugar que lhe competia.

Lúcia ia à câmara para ouvir o pai, vê-lo e identificar-se com todos os seus interesses e opiniões, afagando a idéia de contemplá-lo um dia com a farda de ministro.

Não era uma futilidade filial que a impelia a esse desejo, mas a certeza de saber que aquele peito nobre batia pela glória da pátria e por ela empregaria toda a grandeza do seu talento e abnegação.

O coração eleva-se ou rebaixa-se conforme a superioridade ou a pequenez do ente que o povoa. Lúcia adorava o pai, e a pujança

daquele alevantado espírito inoculara na filha os germens dessa virtude cívica que soe criar as Rolands e as Cordays[13]!

Seria ministro, isto é, amigo e protetor da nação, pronto ao sacrifício, indiferente aos falazes ouropéis, encarando a casaca bordada como burel do dever e transformando-a em sudário, se a tanto o obrigassem as circunstâncias.

Dizia-se, à boca pequena, que na primeira organização ministerial ele seria chamado, o que agradaria até aos seus adversários políticos, que lhe rendiam justiça aos incontestáveis merecimentos.

O dia estava esplêndido de sol, luz e aragem; os trens vistosos passavam ao trote compassado dos *purs-sangs*[14], os vendedores de jornais gritavam a valer, os bondes cruzavam as ruas, a vida expandia-se por toda parte e na câmara a multidão enchia as galerias.

Gente escolhida, distinta, que se cortejava a sorir, bem disposta, como quem via assistir a ótimo espetáculo.

Nas tribunas, gentis senhoras, encantadoras mariposas, sequiosas da luz de mil olhares, ciosas da política e dos interesses sérios, que lhes roubam a atenção dos homens, seus cativos.

---

[13] Mme Roland (1754-1793) escritora e centro de um grupo político, o dos Girondinos, pensava-se semelhante a uma heroína da Roma antiga. Autodidata, era republicana; presa foi condenada a guilhotina, em novembro de 1793. Corday (1768-1793) assassinou Marat acreditando que salvava a França de um tirano. Foi condenada a morte e guilhotinada.

[14] Puro sangue.

Entre eles, mas perfeitamente isolada, brilhando com seu próprio encanto, como essas grandes estrelas solitárias, que apagam com seu esplendor o cintilar de milhares de suas companheiras, Lúcia, trêmula, feliz, volvia o olhar para todos os lados, querendo dizer à multidão que era filha daquele a quem vinham ouvir e admirar!

Caetano ergueu-se, calmo, correto, todo de preto, com a mão direita um momento introduzida no peito, como se contivesse o pulsar do coração e logo abandonada á palavra, na ação mais expressiva, sóbria e apurada.

A cabeça esguia, elegante, lembrava as cabeças do *Diretório* e o nosso estado social tinha pontos de contato com aquele interregno.

A questão do elemento servil, embora já resolvida pela áurea lei de 28 de setembro, provocava de novo a luta do interesse geral com os interesses particulares[15] e, como naquela época, em França, havia a impossibilidade de criar um poder único e regular, aqui também o egoísmo e a rotina da maior parte paralisavam a boa vontade o patriotismo de alguns.

Belo, com a fronte aureolada pelo reflexo da impoluta consciência ele disse no meio de profundo silêncio, com voz sonora simpatia:

- "Senhores! devemos compreender a nobre missão de que nos

[15] A lei de 28 de setembro de 1871 é a do Ventre Livre, aprovada pelo gabinete conservador de Rio Branco. O desenrolar do processo de transição para o regime de trabalho livre mostra como não fora resolvida a questão com aquela lei. Em geral pensa-se que a luta institucional pela libertação dos escravos só recrudesceu mais de dez anos depois, com a aprovação da lei dos Sexagenários (1884), portanto posterior a esta narrativa.

encarregamos, como representantes da nação, isto é, como fieis defensores de seus brios e zeladores de seus interesses e prosperidade".

. "Lembremo-nos de que aqui não estamos para passar as horas em vãs palestras, nem para fazer jus ao nosso subsídio!".

"Cumpre que este recinto seja encarado como o areópago brasileiro e dele devem sair três elementos salutares - paz, abastança e grandeza".

"- Agita-se ainda entre nós uma questão que, se outras fossem as nossas condições sociais, exigiria ser resolvida como um ato humanitário: quero falar do elemento servil".

"A escravidão, essa praga social, é hoje um anacronismo e, como tal, um fator nulo, se não nocivo na civilização dos povos".

"O corajoso passo dado pelo benemérito Visconde do Rio Branco, na lei de 28 de setembro, devia abrir os olhos aos mesquinhos interesses e aos visionários, que se deixam dormitar sobre um vulcão! Querer resistir à corrente civilizadora é mera insensatez!"

"Os interessados, os senhores de escravos, deveriam fazer, por seu próprio interesse aquilo que a tibieza de seus corações não lhes soube impor!".

"Aos poderes públicos cumpre localizar o escravo existente na província em que habita, aumentar o fundo de emancipação, fomentar as liberalidades particulares e cuidar da educação dos ingênuos, preparando trabalhadores moralizados e cidadãos úteis".

"Aos particulares, fazendeiros e possuidores de escravos, incumbe substituí-los com previdência e animo largo, por braços livres, o que não é difícil de obter, imitando outros países em idênticas circunstâncias, por exemplo, proporcionem aos colonos que vierem suprir a escravatura, os meios possíveis de garantir todas as suas relações de direito, as suas crenças, o seu futuro e o de sua prole".

"Ora, para isso será conveniente praticar o que se tem feito nos Estados Unidos, aonde o colono, ao chegar da Europa, já encontra a sua cabana preparada, recebendo depois os instrumentos para rotear as terras, e não depara óbices á sua liberdade civil".

"Mas nada disso se pode conseguir sem formularmos certas leis e sem o espírito de associação, e esse espírito, infelizmente; não existe entre nós!"

"E porque ?!... Não será melhor, muito mais digno, sacrificarmo-nos todos um pouco para o bem comum?!...Custa tanto assim?!... Eia! vejamos, senhores, um bom impulso e tudo se fará facilmente!"

Um escravocrata, genro de fazendeiro, interpela-o furioso:

- O nobre deputado fala como quem nada tem a perder, precipita um acontecimento, que deve vir mansamente e, como visionário, descobre esplêndidos horizontes, onde só existem abismos!

- Falo, conforme os ditames de minha consciência, replicou Caetano. Se fosse senhor de escravos, seria o primeiro a dar o exemplo que aponto, preferindo sacrificar todos os meus interesses ao bem do país.

"O que vale o prejuízo de alguns em face de um descalabro geral?! E somente a voz do egoísmo poderá ir de encontro á minha, que é a da humanidade, da justiça e do decoro! Exclamou Caetano, dominando o seu antagonista."

Aplausos frenéticos ressoaram de todos os lados, consternando os oposicionistas e umedecendo *os* olhos de Lúcia.

Caetano falou eloqüentemente durante duas horas, respondendo aos apartes malévolos, com a sua costumada hombridade e esmagando a ironia das frases cáusticas, ditadas pela vilania.

Teve imenso sucesso, o seu discurso agradou, como agradaria, esplêndida melodia, mas a rotina, aguilhoada pela egoística ambição, cerrou os ouvidos aos seus conceituosos avisos.

As araras parlamentares conseguiram abafar; com seus gritos estridentes, o efeito da palavra entusiasta e sincera desse homem, cuja superioridade não queriam reconhecer.

Eis o caso de se aplicar o aforismo:

- *Quos vult perdere Jupiter priùs dementa*t![16]

[16] Aos que quer destruir, Júpiter começa por tirar-lhes a razão (enlouquece-los). Fragmento atribuído erroneamente a Eurípides, com inúmeras variantes antigas e ao qual Boissonade (1774- 1857), helenista francês, deu esta forma latina.

XI

Lúcia, radiante de beleza, era a rainha de todas as festas e, com melancólico sorriso pagava os olhares que a admiravam, embevecidos.

Uma noite num baile, dado na mais esplêndida residência da Corte, apareceu em encantadora singeleza: longo vestido de cetim branco, cheio de rendas, sem a mínima flor, nem joias; apenas, nas róseas orelhas, duas formosas esmeraldas sombrias a contrastar com a alvura do rosto.

Em todas as reuniões, dançava com o pai a segunda valsa; era um hábito que haviam contraído e executavam com doce contentamento.

.

E Caetano, elegante, ágil volteava pelo salão, gracioso, feliz, fazendo esquecer o perfil severo e altivo do tribuno temido e respeitado.

À meia noite, Melania lhe disse:

- Retiro-me com Rodolfo, estou indisposta, mas não prive Lúcia de se distrair; mandarei o carro buscá-los.

- Se estás muito incomodada, retiremo-nos todos, disse Caetano,

com vivo interesse.

Não! meu amigo! é a costumada enxaqueca; amanhã estarei restabelecida, bastam-me algumas horas de sono.

E, sorrindo, apertou-lhe a mão, tomando o braço do genro, que a conduziu, pálido e grave.

Pouco depois, em uma saleta, Lúcia tomava sorvete e o pai, contemplando-a em êxtase sentou-se a seu lado.

- Sabes? tua mãe retirou-se, com enxaqueca e fiquei ás tuas ordens, como teu pajem, minha adorada castelã!

A moça sentiu peso horrível no coração, empalideceu ligeiramente e, com os grandes, olhos entristecidos, murmurou:

- Sofria muito?

- Não! do contrário eu a acompanharia!

Lúcia refreou um suspiro doloroso e abstraiu-se em angustiosa cisma: adivinhava que a mãe pretextara tudo aquilo para se achar a sós com Rodolfo, enquanto ela e o pai estivessem no meio das luzes, do bulício, da música; a vergonha e o crime adejariam em torno á sua habitação.

De repente, luz, ruído, perfume, desapareceram e sua linda cabeça descaiu no espaldar: Caetano sobressaltou-se:

- O que tens, Lúcia? desmaias? padeces?

Ela abriu as pálpebras, sufocou o desgosto e, com sorriso angélico

disse:

- Não! Sinto muito calor! dá-me o braço, procuremos um pouco de ar!

Foram, ao terraço, respiraram a haustos largos a brisa, impregnada de murta e jasmins e debruçaram-se ao parapeito, seguindo as sinuosidades argênteas do rio, que ali passava. Paizinho! queres ver como as mulheres são loucas?... Pensava, neste momento, no efeito que produziria o meu cadáver, adornado com este traje, vogando rijo, nestas águas límpidas, afagado pela corrente, beijado pelo luar!... Muitas vezes desejei morrer, ao voltar do baile: morre-se bonita e com as impressões da festa! disse frouxamente.

- E, não pensaste também no que eu padeceria? inquiriu o pai, com leve exprobração.

- É verdade!... perdoa!... balbuciou ela, apertando-lhe a mão ao peito, suplicando com os olhos, marejados de lágrimas.

Foram interrompidos pela chegada de um mocetão, que reclamava a valsa, concedida por Lúcia; ela em muda carícia estreitou os dedos do pai, e seguiu o cavalheiro.

Caetano a acompanhou de longe e a viu dançar, célere, risonha, em felinas ondulações: o olhar límpido, brilhante, não mostrava o vestígio do pranto e, no entanto, ela havia chorado!

- Meu Deus! o que se passará naquela alma! exclamou o pai. As mulheres são tão enigmáticas! tão incompreensíveis!

Lúcia dançava sempre, passando de braço em braço, sem fadiga,

febrilmente: dir-se-ia que só o espírito participava daquela agitação, porque seu corpo pálido, fresco, tinha a augusta serenidade do mármore.

Não era sangue o que corria em suas veias, sem lhe nacarar a carne, era sopro divino.

Foi a última a sair, temia chegar muito cedo a casa e simulou todo aquele, entusiasmo pela dança, afim de passar ali mais algumas horas; sorria, com os mimosos lábios, enquanto o coração chorava.

Atirou-se nas almofadas do carro, desalentada, com os olhos fechados, como se lançaria ao túmulo, vergando ao peso de sua desdita, cansada de aparentar o que não sentia.

Amarga crispação alterava a pureza de seu peregrino semblante e a cabeça pendia inerte, como ave moribunda.

Caetano a contemplava, inquieto, vendo naquela prostração mais um delíquio moral do que uma fraqueza física: o magnetismo daquele, angustiado olhar a obrigou a descerrar as pálpebras.

E o pai, a encarnação do seu martírio e da sua única felicidade, sorria-lhe com o meigo e interrogativo sorriso dos que amam, profundamente.

- É o cansaço, paizinho, nada receies! disse ela.

- Lúcia! de há muito, estudo teus gestos, teus olhares e perco-me em contradições!. . . O que terá tu, pobre anjo?... Acaso não achaste no casamento o que esperavas? esse ente não te faz venturosa? Sonhaste um ideal perfeito e encontraste apenas um homem? fala!

tenho, ás vezes, dúvidas medonhas! exclamou Caetano, tomando-lhe as mãos frias e trêmulas.

A moça cravou-lhe os olhos profundos, sombrios, perscrutadores, revolvendo-lhe os recantos da alma, sondando-lhe as desconfianças e, não achando o que temia recostou-se de novo, dizendo:

- Sou feliz!... Não procurei no casamento um herói romanesco, mas um marido apresentável, inteligente e fácil de dominar... Rodolfo tem tudo isso e ainda o apêndice de uma bela aparência! É submisso aos meus desejos e resignou-se a um papel secundário e quase nulo.

- Pois bem! essa resignação me parece singular. Como pode um homem, casado contigo, não te acompanhar sempre e mostrar-se tão pouco carinhoso! disse Caetano, indignado.

- Porque, se me dispensasse qualquer carícia em tua presença, magoar-te-ia, meu pobre ciumento, pois ele bem vê que não aprovaste a nossa união e que nunca lhe perdoarás o lugar que ocupa a meu lado! replicou Lúcia a sorrir.

- Isso é verdade! murmurou o pai que não podia notar a palidez da filha. Mas então, si és feliz, por que tens essas alternativas de tristeza e de febril contentamento?

- Ora! já te expliquei isso um dia: é a maldita nostalgia do infinito; atormenta-me a ponto de me fazer desejar que tudo no mundo seja finito, para que a alma também repouse, insensível, no sepulcro! exclamou com surda irritação .

- Ouve! disse Caetano, olhando-a tristemente. Eu, o espírito forte

torno-me às vezes pueril por tua causa. Não achando no cérebro a definição do teu caráter, procurei nos romances, nesses estudos psicológicos dos grandes conhecedores do coração humano, alguma coisa que me esclarecesse. O que em ti se passa combina perfeitamente com os dolorosos resultados do que eles denominam – existência despedaçada.

A moça riu nervosamente, sentindo os soluços sufocarem-na e disse com meiguice :

- Procura antes nos anais de medicina, nos capítulos concernentes ao histerismo! Sim! paizinho estas incoerências, provêm dessa enfermidade, não te aflijas, pois; lastima-me somente.

- Queres dar um passeio á Europa, consultar qualquer celebridade; seguir um tratamento regular? perguntou o pai.

- Não! ainda não cheguei a esse ponto; e, demais, só voltarei ao velho mundo quando deixares de ser ministro! Não sorrias assim, quero-te ministro, é o meu sonho e já me habituaste a ver os meus sonhos realizados! Bem sabes que és a minha glória e a minha alegria!

Apearam-se e abraçaram-se, tomando cada um a direção de seus aposentos.

Lúcia, pálida, arremessou longe os sapatinhos de cetim, colheu a *traîne*[17] do vestido e, com precaução, aproximou-se do quarto do marido, aplicando o ouvido à fechadura: só a respiração regular de Rodolfo quebrava o silêncio da noite.

[17] Cauda do vestido.

Ela suspirou e, de mansinho, entrou no *boudoir*[18], murmurando:

- Graças, meu Deus!

[18] Cômodo pequeno e elegante em moradias requintadas reservado à dona da casa que nele pode isolar-se ou receber pessoas íntimas.

XII

Beatriz, a primogênita do compadre Bernardo José, era uma gorducha, bonitinha, pretensiosa, ignorante, falante a torto e a direito e presumida de absoluta perfeição.

Alguns elogios banais lhe haviam transformado o cérebro e por isso sua tola vaidade tomou espantosas proporções: ninguém a igualava em beleza, e sua alma tenra aninhava a inveja e o rancor contra todos que gozavam de qualquer bem-estar, que ela não fruísse.

E tinha apenas dezessete anos essa mocinha; estava na idade das ilusões, dos sonhos, da ingenuidade e da tolerância, mas sua péssima educação desenvolvera-lhe todos os maus instintos, apagando os suaves devaneios da juventude.

Era um desses frutos rosados, apetitosos, que iludem à vista, e em cujo âmago se descobre o verme, que o corrói e danifica!

No momento em que falamos, a casa do compadre oferecia animado aspecto: estavam todos ocupados com os preparativos de uma *soirée*, para comemorar o aniversário de Beatriz e sua felicidade em haver concedido a mão de esposa ao Sr. Romeu Teixeira.

Era esse jovem um Romeu algum tanto prosaico: gordo, com propensão à obesidade, pesado, apesar de só contar vinte e cinco janeiros; grandes olhos à flor do rosto, tomando às vezes a expressão do desvario à força de se querer mostrar atilado.

A comadre Euzébia, quadrada, monumental, apopléctica, andava em uma dobadoura[19], corria do tacho para a tigela em que batia ovos; suada, desgrenhada, semelhante à hedionda Locusta[20], absorta na combinação de sutis venenos.

Tinha diante de si uma verdadeira bateria de panelas, formas, massas, e passava da cocada para os pastéis, das empadas para o recheio dos perus, com o mesmo carinho e a mesma perícia: nascera para cozinheira a digna senhora e estava no seu elemento.

Os filhos adejavam-lhe em torno, aproveitando o restinho das tachadas, disputando, a soco, a calda e os camarões, queimando-se, fazendo algazarra, até que a matrona impaciente lhes puxasse as orelhas.

E então saiam em gritaria pelo quintal, com as caras gordurentas, açucaradas e lacrimosas, escondendo nas mãos os bolos que haviam furtado à vigilância materna.

No meio de todo aquele reboliço, o último pimpolho, carregado por uma das irmãs, apareceu sonolento, choramingando; a mãe sorriu-lhe, tomou-o ao colo, sentou-se no chão e deu-lhe o peito.

---

[19] Situação de grande pressa, correria.

[20] Locuste, famosa envenenadora romana, instrumento de Agripa contra Cláudio e de Nero contra Britânico. Galba mandou matá-la em 68.

Oh! que assombro!!!

Era a encarnação de Tellus[21], ou a Terra, e poderia amamentar uma tribo inteira de Titãs.

Acalentou-o, mudou-lhe a fralda, entregou-o à outra filha e, serena, voltou ao trabalho.

Pobres convidados!

Enquanto a mãe se entretinha naquele labutar, Beatriz atormentava os ouvidos da vizinhança, ensaiando romances franceses, estropiando as palavras e adubando os versos com requebros de olhos.

Jantaram de pé, na sala de engomar, para não desarranjar a mesa da ceia, preparada desde o meio dia: comiam às pressas e falavam todos a um tempo.

- Vamos a ver si a fidalga Lúcia virá hoje honrar-nos, dizia ironicamente Beatriz. Aqui não é casa de ministro, por isso aparece pouco!

- Pois os ministros são da mesma estofa que eu! observou o compadre Bernardo, às voltas com o ensopado.

- Estão batendo! disseram os meninos em coro, correndo até à porta.

---

[21] Deusa romana da terra, equivalente à grega Gaia que com Ouranos (céu) gerara os 12 Titãs. Estes seres eram anteriores aos deuses do Olimpo, tinham estatura gigantesca e força descomunal.

Voltaram, escoltando um criado com uma salva, coberta de flores, e gritaram:

- Da casa do padrinho Pinto!

Com feito, eram presentes de Melania e Lúcia para Beatriz: levantou-se esta, toda contente, leu os bilhetes e abriu os escrínios: Melania lhe enviara uns brincos de safiras, e Lúcia uma pulseira e medalha, com pérolas e diamantes.

A família extasiou-se e prorrompeu em lisonjas, na esperança de que o fâmulo referisse aquelas expansões; a menina escreveu longamente férvidos agradecimentos.

Naquele momento perdoava a fidalguia de Lúcia, à vista dos valiosos mimos que lhe ofertara, e sufocava a inveja, que a adorável criatura lhe inspirava.

À noite, a comadre Euzébia, espartilhada, entalada nas roupas cheia de fitas, estava mais apresentável do que pela manhã; porém, quem se chegasse muito à ela, sentiria um leve misto de gordura e cebola a exalar-se dos seus cabelos e da sua transpiração.

Não se vai impunemente à cozinha: todo o santuário tem seu perfume local!

Beatriz apresentava o noivo com desembaraço de mau gosto, enquanto o pai exultava de alegria, por ver algumas pessoas de alta posição social, sob seu teto. Estava radiante e dizia do futuro genro:

- É um excelente moço, filho de um negociante *falido*.

E sorria, dando a entender que o tal sujeito soubera falir, *arranjando-se*, e que a aliança com semelhante família era uma fortuna para a filha: o contentamento iluminava-lhe a fisionomia, a ponto de o tornar menos magro.

A *soirée* prolongou-se até muito tarde, apesar do calor, da poeira e da pequenez das salas.

XIII

Havia três anos que Rodolfo expiava cruelmente a falta de sua mocidade, com amargos padecimentos.

Desde o momento em que Lúcia aparecera no gabinete, conjurando a tempestade que rugia no seio de Caetano e sacrificando-se para salvar a mãe e poupar o coração paterno, desde esse instante, a ligeira alucinação do moço se dissipara, e, desgostoso, vira a triste realidade de sua vida.

Melania lhe causava tédio, era a personificação de sua culpa, a vergonha e o espectro de um passado detestado, que desejara apagar com o próprio sangue.

Em um segundo, por uma dessas imprevistas situações, a mulher que o tinha fascinado, tornara-se lhe odiosa, e ele surdamente a acusava de o haver seduzido com seus encantos.

Que insondável abismo é o coração humano! renega amanhã o que hoje adora!

Mesquinhez! Miséria! e alardeia-se tanto a força de certos afetos!

Engrandecendo-se pelo devotamento de sua alma angélica e pela distinção de sua incomparável formosura, a imagem de Lúcia

povoava, dia e noite, o cérebro do mísero, que tentava banir aquele encanto, e sentia-se perdido.

Lutava ele desesperadamente, revestindo-a de sombrias cores e de vingativos desígnios; mas a alma, exausta, caia prostrada, adorando o que não pudera odiar.

Melania o atormentava com exprobrações, e excogitava todos os meios de estar a sós com ele; mas sempre o encontrava frio, severo, contendo-se para não ser grosseiro, não repelir a criatura, que o cingia febrilmente, enquanto ele cerrava os olhos, afim de lhe ocultar a aversão e o desprezo.

Era o castigo de ambos: ele não podia fugir àquela presença e àquelas censuras; ela prendera-se profundamente àquele homem, que a detestava com todas as forças d'alma, e não lhe dispensava o mínimo afago, punindo-a com a privação de seus carinhos, a pior das penas para um temperamento exaltado.

E tudo aquilo começara por férvidos beijos!

O amor é uma cruel quimera, com aparências de realidade, iludindo primeiro aos que o sentem e depois aos que o observam!

- Meu Deus! murmurava ele, nas longas noites de insônia, como pude passar cego por diante desse anjo de luz! Em que atonia jazia a minha alma, que não se eletrizou à sua vista!...Oh! Lúcia! como sou desgraçado por te haver conhecido tão tarde a surgires deslumbrante do raio que me fulminou!....

E chorava o infeliz pela mulher que o mundo julgava sua; chorava-a como uma ilusão perdida, despedaçada para sempre!

Nunca! ela nunca lhe pertenceria! Nunca! Palavra medonha, cuja significação é incompatível com a transitória vida! Nunca! Palavra tão breve e tão longa, descortina o infinito, provoca a blasfêmia e a loucura.

E a lágrima queimava-lhe a face, secando o coração dolorosamente contraído. E ele devia mostrar-se calmo, indiferente, cingindo-se ao papel passivo, que lhe coubera naquele drama doméstico.

O tempo decorrera, sem atenuar-lhe a tortura, aumentando-a mesmo pelo desenvolvimento do seu afeto e das apreensões que sentia.

O ciúme devorava-lhe o seio, nos bailes em que Lúcia aparecia como a apoteose da beleza; pálido, observava os olhares ardentes que se fixavam na encantadora criatura; felizmente a angélica serenidade de sua fronte acalmava-lhe os receios, mas seria sempre assim?

Aquela forma admirável, que inflamava aos que a contemplavam, não palpitaria um dia, ao impulso da alma peregrina, que até então só vibrara pelo amor filial?!

Essa idéia transtornava-lhe o semblante, estampando-lhe sinistra expressão: o coração humano é o antro do crime!

Uma ocasião, estava Lúcia a ler no boudoir, quando lhe pareceu haver altercação no gabinete de Rodolfo: estremeceu e, de manso, entrou no corredor que comunicava com os cômodos do marido.

Trêmula, agitada, corando e empalidecendo, ouviu o seguinte:

- Rodolfo! não me exaspere! dizia Melania. Há anos me impeliste a uma imprudência, que teve péssimo resultado, e desde então vivo em um inferno!...Sinto que já não me amas, tens me provado bastante a tua indiferença, e, no entanto, eu te amo, desesperada pelo teu abandono!...Rodolfo! porque és mais inflexível do que Lúcia? ela nos deixou a liberdade de nos amarmos e tu me repulsas com disfarçada aversão! Sofro, padeço muito, as minhas noites são eternas, enervantes; só pela madrugada consigo dormir e que sono! povoado de sonhos que me prostram e aniquilam!...Olha-me, ao menos, peço-te de joelhos!

- Levanta-se! deixe-me, por caridade! respondeu Rodolfo em voz surda. Maldita hora em que a vi, malditos desejos, tão caramente saciados!...Sofre? pois bem! eu...estou morto! exclamou, rindo nervosamente.

- Ah! rugiu Melania, erguendo-se, julgas que não leio em tua alma! Não morreste, amas perdidamente tua mulher, mas juro-te que nunca será tua!

- Cale-se! vociferou o moço, com a fisionomia alterada. Não torne a falar neste sentido, do contrário, não respondo por mais nada. Estou nesta casa cumprindo uma pena, curvei-me a ela, porém não admitirei mais estas torturas inquisitoriais à que a senhora me

submete. De uma vez para sempre, deixe-me, não a posso ver, acrescentou com explosão de ódio, passeando agitadamente.

Lúcia, pálida, deu volta à chave e entrou: Melania volvendo-se com ímpeto, apostrofou:

- Espionavas?

- Velava! murmurou a moça, acercando-se de uma cadeira, em que se apoiou.

- Velavas o que? a fidelidade de teu marido? redarguiu Melania provocante.

- Velava, como sempre, pela tranquilidade de meu pai e pelo cumprimento da obrigação que lhes impus de salvarem as aparências e o conservarem na ilusão... Tenho o direito de tudo exigir, pois comprei essa triste regalia com o sacrifício da minha existência inteira, respondeu ela friamente.

- Sujeitei-me a tudo; mas não impuseste o esquecimento, que eu não poderia cumprir, e este homem me martiriza! exclamou Melania.

Lúcia baixou os olhos e seu lívido semblante enrubesceu de pejo e nojo; Rodolfo, sofrendo mil tormentos, chegara-se à janela, dando-lhes costas.

Uma luta medonha tratava-se na alma da mísera donzela; seu pudor velava a face inflamada, diante dessas cruas realidades, e seu seio de virgem estremecia, ante a perversão moral, cujos mistérios conhecera de modo desolador.

Sufocou seus cândidos instintos, e, impaciente, disse ao marido:

- Atraído pela beleza de minha mãe, o senhor trouxe a vergonha a este teto... pois bem, ela é formosa como outrora, ama-o como sempre, por que então se aborreceu?!... É preciso que continue a testemunhar-lhe os mesmos sentimentos... eu o quero!

Rodolfo caíra em um divã e ocultava o rosto com as mãos convulsas.

Voltando-se para Melania, Lúcia acrescentou:

- E, à senhora, suplico que seja prudente: por Deus, não faça com que meu pai tudo veja e compreenda!...Diz que padece... eu o creio, esses sentimentos... exaltados devem magoar muito; mas se padece, o que direi eu?!... Moça sem esperança, sorrio sem alegria, devoro as lágrimas, vivo a morrer..

- És mais feliz, porque tens uma dessas almas frias, votadas a um único afeto: só teu pai existe para ti! replicou Melania com azedume.

Erguendo a fronte, Lúcia fitou-a e disse com doçura:

- E como não havia de amá-lo se, desde a mais tenra infância, vejo sempre o seu meigo semblante sorrir-me, sinto a carícia de seus abraços e o consolo de seus beijos! Nos meus momentos de mau humor suportava os meus amuos, obedecia aos meus caprichos, enxugava minhas lágrimas!...Depois compensou meus esforços, estimulou-me o amor próprio, fundiu-me a alma com o calor de seu afeto; fez-me, enfim, o que sou hoje!

- E eu nada valho! nada me deves! sou uma estranha! exclamou Melania irritada.

Triste, comovida, vendo a quadra infantil perpassar em sua dorida memória, a moça deixou-se cair na cadeira, cruzou as mãos e murmurou, como suave queixume:

- A senhora não me amava!...O meu nascimento contrariou-a e a sua indiferença bem caro me fez pagar esta pobre existência!... E, no entanto, eu a amei como os órfãos amam, intuitivamente, essa sublime entidade, que se nomeia – mãe!... Amei em minha mãe todos os afagos, todos os desvelos, que a senhora me negava!... Amei-a com a desolada tristeza dos que contemplam o cadáver materno!... Vivi junto a minha mãe, a pouca distância dos seus joelhos, sem ousar deitar a fronte no seio que me havia gerado!... Oh! jamais saberá o que é se sentir órfã, tendo-se mãe!...

Voltando para o jardim, Rodolfo limpava as lágrimas e mordia os lábios para conter a emoção que o sufocava.

Melania, que o devorava com o olhar, revoltou-se com a sombra do remorso que lhe toldava a consciência: desabridamente, vociferou encaminhando-se para a porta:

- És uma ingrata e bem mal pagas as dores que me causaste! Talvez, um dia, algum filho te castigue!

- A mim?! exclamou a moça, com indefinível inflexão. Ergueu-se, afim de voltar aos seus aposentos.

Rodolfo aproximara-se, mirando-a com profunda melancolia. Ela disse:

- Veja como procede, estas cenas não se devem reproduzir!

- Oh! não sabes o que me ordena! Desejava obedecer-lhe, mas só poderei dispensar à sua mãe essa urbanidade, que todo o homem educado deve a uma senhora... À vista deste estado de coisas, acho conveniente ausentar-me por algum tempo, embora me custe... Quero demonstrar-lhe a minha boa vontade em tranqüilizar seu pai: irei à Europa, pretextando incômodos de saúde, o que não será difícil de crer, acrescentou ele, sorrindo amargamente.

Então Lúcia rapidamente o olhando notou o abatimento, as rugas precoces e o sincero pesar, do seu semblante avelhantado.

- Parta!... tem razão talvez, e demore-se o mais possível! disse, deixando-o só, inebriado pela sua presença e aniquilado com a idéia de próxima separação.

XIV

Quis Melania opor-se a esta partida, mas Rodolfo foi inflexível e ela teve que se submeter, sofrendo horrivelmente: seu sistema nervoso, já bastante exacerbado, passou por medonha crise e a infeliz estorceu-se em fortíssimas contrações, com o primeiro ataque.

Caetano estranhou a princípio essa viagem repentina do genro, mas reparando em sua fisionomia alquebrada, compreendeu que realmente padecia, condoeu-se dele, esperou que melhorasse com a travessia e entregou-se à alegria de conservar a filha junto a si.

Os preparativos foram rápidos e a hora de embarcar soou afinal. Enquanto Caetano vestia-se a fim de acompanhá-lo, Rodolfo aproveitou a conjuntura para se despedir de Melania e de Lúcia.

Abraçou a primeira com certa compaixão e ela, lívida, desvairada, beijou-o loucamente, caindo ao depois em soluços no divã.

Saindo apressado penetrou no *boudouir* de Lúcia: contemplou-a longamente, embebendo o olhar naquela encantadora imagem e, muito pálido, disse ao apertar-lhe a mão.

- Até à volta!... seja feliz!

- O mesmo lhe desejo, disse ela friamente, erguendo-se.

Entrava Caetano nesse momento e Rodolfo, prevalecendo-se da sua presença, cingiu febrilmente a moça, orvalhando-lhe a fronte com lágrimas ardentes e fugiu.

Ela soltou um gritinho de surpresa e cólera e tapou o rosto com as mimosas mãos: o pai atribuiu tudo aquilo ao pesar da despedida e seguiu o genro.

Lúcia trêmula, indignada, enxugou bruscamente a testa e os cabelos, julgando-se de algum modo profanada e foi assim surpreendida pela criada que a vinha chamar para acudir Melania.

A moça correu aos aposentos da mãe e encontrou-a vergada, com a nuca a tocar nos calcanhares, o rosto demudado, em convulsões epiléticas: deu-lhe éter a cheirar e mandou chamar o médico.

Ao passo que a doente se agitava, gritando, dizendo frases entrecortadas, ela estremecia, ouvindo-a pronunciar o nome de Rodolfo; pesava aquele aumento de infortúnios e inquietações e sentia-se fraca ante o formidável lenho!

A dor da sua existência assemelhava-se à renascente hidra: se vencia hoje um revés, amanhã surgia um outro e lutava sempre, anelante, exasperada pelos obstáculos, haurindo forças no próprio desespero.

O marido partira, subtraindo-se assim às imprudências de Melania, mas o histerismo, estimulado pelas revoltas de tempestuosa organização, apoderara-se da amante, atormentava-a, fazendo-a trair o seu segredo.

Era preciso velar sempre para que Caetano não adivinhasse a verdade; Lúcia aflita, chorava, implorando a proteção divina.

Para conjurar esse perigo, fizera com que o pai prometesse chamá-lo logo que a mãe manifestasse qualquer indisposição.

Rodolfo escrevia à mulher e às vezes ao sogro: essas cartas impacientavam a moça, mas que remédio senão recebê-las naturalmente, para não despertar desconfianças e mostrá-las à mãe, que o havia exigido?

Lúcia sentava-se então junto a ela, receando qualquer exacerbação.

Melania, com o sobrolho carregado, lia as linhas polidas, banais, de Rodolfo; o nome da filha aparecia-lhe como o *Mane, Thecel, Pharés* a Baltazar[22].

O ciúme descobria-lhe o que se passava na alma do moço e assim não lhe fora difícil acompanhar todas as fases daquele amor de precito: só a amargura do seu coração poderia ombrear com as dilacerações daquela voraz paixão.

Sob as palavras insignificantes, nas dobras do papel, no seu longínquo perfume, ela sorvia, em cruciante volúpia, as preces, os suspiros e as lágrimas latentes daquele homem profundamente apaixonado.

---

[22] Baltazar, último rei da Babilônia, meio a orgias e profanações vê escrito numa parede, com letras de fogo, Mane, Thecel Phares que o profeta Daniel interpreta como apontando seu fim. Na mesma noite Babilônia é tomada pelos medas e persas e ele é executado. A expressão, empregada entre outros por Balzac, passou a denotar catástrofe eminente e fatal.

Amarrotava a carta e, com olhar desvairado, sorria ironicamente: pouco depois sobrevinha o acesso e ela cantava, em voz dolente, os romances em voga, repetindo os versos com perfeita lucidez, e dando às notas inflexões sentidas.

Pesaroso pelo estado de Melania, Caetano chamou especialistas de moléstias nervosas e todos prescreveram o mesmo regime: mandaram vir da Europa cintas para compressão dos ovários e a submeteram a sério tratamento.

Lúcia procurava distraí-la, cercava-a de desvelos, levava-a a passeios, ordenados pelos médicos, tratava-a enfim, como a uma criança.

Observando os estragos que a moléstia fizera em seu semblante, Melania invejava a beleza da filha e mostrava-lhe aversão, envenenando ainda mais aquela mísera existência, que ela havia despedaçado para sempre.

E a filha resignada, compassiva, sorria brandamente à mãe desnaturada: os beijos do pai eram abençoado bálsamo para suas dores agudíssimas.

Melania deitava-se cedo e Caetano, acompanhado por Lúcia, fazia visitas e aparecia em algumas reuniões feliz por vê-la a seu lado, sem a sombra importuna do marido: só a doença da mulher o magoava.

Às vezes, surpreendia na filha os sorrisos da infância e parecia-lhe mais satisfeita, desde a partida de Rodolfo: não amaria, então, ao homem que escolhera para eterno companheiro?

Não! murmurava ele, seria absurdo! Lúcia é a rainha desta casa, porque desposaria um ente a quem não amasse?!... Mas como pode ser tão pouco demonstrativa aquela alma apaixonada e grande?!... Dissimula, talvez, receando o meu paterno ciúme!

Pobre anjo! como o amor, esse sublime afeto, se torna às vezes pesado, oh! meu Deus !

E, com uma espécie de remorso, beijava, comovido, a ideal cabeça da formosa criatura.

XV

Chegou, finalmente, o dia do casamento de Beatriz: Lúcia e Caetano foram os padrinhos e grande acompanhamento seguia o carro dos noivos.

Era pequena a casa para tantos convidados, mas a noiva queria deslumbrar as amigas e fazê-las morrer de inveja, e o compadre Bernardo não desejava perder ocasião de reunir importantes personagens em seus salões.

Quem olhasse para ele, atentamente, saberia logo, quando entrava algum conselheiro ou senador, porque enrubescia, dobrava-se com servilismo e, ofegante, ia ao encontro do recém-chegado.

Ansiava pela aparição das esguias casacas condecoradas, como jovem amante palpita pelo *ruge-ruge* do vestido da mulher amada, em uma primeira entrevista.

Em vez de consultar, como os apaixonados, o relógio, o céu, as estrelas, ele se dirigia aos amigos dos ministros, perguntando, aflito:

- Fulano virá? sicrano estará indisposto?

E os interpelados acusavam a sua absoluta ignorância sobre tão *extraordinário* acontecimento e, entre si, riam a valer, de tantos desfrutes.

Beatriz, coradinha, desenvolta, andava de um lado para outro, exibindo as joias insignificantes que o noivo lhe dera, gabando-se estrepitosamente, antes que a pessoa a quem as mostrara, tivesse tempo de lhes lançar a vista.

Depois, deu-se começo ao baile, que se prolongou até muito tarde, dançando a noiva, continuamente, com verdadeiro frenesi: passava da quadrilha à valsa e à polca, rindo, suando, com as roupas machucadas, o véu em tiras, os cabelos um tanto desgrenhados pela transpiração e pela agitação da dança.

Seu semblante, em vez de apresentar a palidez da emoção e o suave recato de uma neófita do amor, tinha a provocante petulância de juvenil bacante.

O noivo aparvalhado pela *magnificência* da festa, fatigado pelo calor, pela poeira e pela música, dava sinais de impaciência, esfregava os olhos avermelhados e tentava aproximar-se de Beatriz, que fugia, sorrindo maliciosamente, dominando-o, jungindo-o aos seus caprichos e vontade.

E o pobre gorducho *rongeait son frein*[23], esperando que a mulher se enfastiasse de dançar e quisesse partir para a encantada fase intitulada – lua de mel!

[23] Consumia-se, se atormentava.

Dias depois, o compadre Bernardo perguntava a um dos seus íntimos:

- O que dizem sobre a festa do casamento de Beatriz? Ouviu alguma coisa?

E o outro, que nada ouvira, não querendo descontentá-lo, respondia:

- Estão encantados pela amabilidade dos donos da casa, pela escolha dos convidados e a delicadeza do *buffet*.

E o parvo Bernardo seguia, radiante, olhando sobranceiro para os transeuntes, desprezando-os, como pertencentes à outra espécie diferente da sua, murmurando a palavra *buffet*, que lhe parecia eólia melodia.

- *Buffet*! que mimo! só os franceses possuem dessas tetéias.

Meses depois, o entusiasmo que sentira pelo genro, começou a arrefecer, vendo que ele ainda não achara emprego e que lhe pedia proteção, junto a Caetano Pinto, cuja amizade era uma verdadeira providência.

Com alguma dificuldade, arranjaram-lhe uma sinecura, que lhe rendia 120$000 mensais, deixando-lhe o tempo para se ocupar em outros afazeres.

E o compadre Bernardo foi verificando que o *arranjo* do pai de Romeu Teixeira não passara de uma isca para lhe apanhar a filha e

colher as vantagens que ele, Bernardo José, poderia proporcionar ao genro.

Esta última consideração modificou a amargura de suas decepções, advertindo-o do exato valor da sua *importante* individualidade.

Verdade é que a idéia do próprio merecimento tudo ameniza e compensa!

Convencido do quanto podia e da veneração que seu nome deveria exercer sobre as *massas*, teve um gesto de *onipotente* cansaço: Júpiter enfastiado do Olimpo!

E, durante todo o dia, mostrou-se com o sobrolho carregado, suspirando e dizendo no meio da mais banal conversa, com merencório sorriso:

- Há homens, que não se pertencem e cujas sortes se acham ligadas a grandes cometimentos!

E a família, o genro e alguns beócios persuadiram-se de que naquele cérebro se agitava o destino da nação e talvez o desequilíbrio universal!

No entanto, tudo aquilo provinha apenas da excessiva e ridícula vaidade, que o ensandecia, tornando-o ludíbrio das pessoas de bom senso, cujas gargalhadas provocava.

XVI

Exigiu Lúcia que Rodolfo permanecesse um ano na Europa e só consentiu na volta, quando nenhuma razão mais lhe ocorreu para prolongar a ausência.

Não saiu do *boudoir* no dia da chegada do marido, a fim de o forçar a conter-se, ante o seu olhar frio: receava que, em presença de alguém, ousasse abraçá-la, como no momento de partir.

De feito, o moço, pálido, correu para ela, mas estacou, observando-lhe a glacial indiferença: abafando um gemido de dorido despeito, estendeu-lhe a mão, em mero comprimento de civilidade.

Lúcia lhe fez algumas perguntas banais, contou-lhe o deplorável estado de Melania e acompanhou-o até à porta dos seus aposentos.

Esperava-o Melania, anelante, abalada, com certo desvario no olhar: Rodolfo abraçou-a filialmente, dissimulando a dolorosa impressão de encontrá-la tão acabada.

Inquieta, desesperada, a mísera pudera ler o que se passava naquele espírito e, fracamente, disse:

- Estou muito velha!... desfigurada, entregue à maldita moléstia!... E, tu, tão longe!... no meio das festas, dos encantos de Paris!... Oh!

muito padeço, Rodolfo!... E *ela*, Lúcia, está ainda mais bela!... conseguiste, ao menos, esquecê-la?... Será melhor para ti, porque eu a conheço e, embora viesse a amar-te, nunca te pertenceria: porém, nem em tal penses, nasceu para adorar o pai e nada mais!... E é bem feliz aquele coração, livra-se das dores que hei padecido e ignora a amargura das decepções e abandonos!

- Acalme-se! não se exacerbe! está doente! murmurou o moço, pálido e triste.

- Falas, como se eu fosse tua mãe! estou tão decrépita assim?!... Não! não quero tua compaixão, sai, a tua vista me tortura! bradou Melania, desfigurada.

Rodolfo retirou-se de pronto, temendo irritá-la mais e esbarrou com Lúcia, que entrava por ter ouvido os gritos da enferma e a encontrava a debater-se em medonhas contrações, com o semblante demudado e horrível.

Dois dias depois, organizou-se um novo ministério de que fazia parte Caetano Pinto, encarregado da pasta da agricultura: realizava-se, enfim, o *desideratum*[24] de Lúcia.

Essa alegria santa tinha, porém, penosos reversos!

- Estás satisfeita? inquiriu Caetano, sorrindo e beijando-a.

---

[24] O que se deseja; aspiração.

- Oh! muito! querido paizinho! Estás no posto em que te desejava ver, mas não te deram o que te competia: devias ser ministro da fazenda e presidente do conselho!

- Ambiciosa! não te conhecia esse defeito, disse o pai, meigamente.

- Ultra-ambiciosa por ti, para te ver desenvolver as aptidões do teu talento e do teu patriotismo! murmurou ela comovida, conchegando-se a ele, como rolinha a se aquecer no ninho.

- Adorada espartana! balbuciou Caetano, trêmulo, apertando-a ao peito e experimentando o contágio daquela emoção.

E conservaram-se assim alguns segundos, sentindo o palpitar dos gêmeos corações, cheios de ternura, valor e altivez.

O mais ruidoso dos contentamentos, porém, era o do compadre Bernardo: sorria sem cessar e improvisou uma *soirée*.

Do mercado, onde comprara ovos, camarões e ostras, saia para casa dos convidados e daí para sua cozinha, onde a cara metade se perdia nas combinações engenhosas de novo modo de rechear pastelões.

Afinal, depois de muita concentração e suores, bateu ela na lustrosa testa, como qualquer físico-matemático, soltando a consoladora – Eureca!

E, pressurosa, atirou-se às massas e aos doces, com o denodo de um conquistador, que segue confiante e ciente do que o espera e dos elementos de que dispões, em árdua campanha.

Fecha os olhos às misérias e contrariedades presentes, antevendo no futuro a glória imortal, que tudo compensa e ilumina!

À noite, antes de começar a dança, Bernardo, coadjuvado pela ninhada, lançou ao ar algumas girândolas, incomodando os ouvidos e o olfato dos convivas, que sorriam, sufocados, tossindo, impolidamente.

Era uma demonstração um tanto burguesa, mas que importa? Há criaturas que encaram o foguete como verdadeira apoteose da suprema alegria.

O compadre Bernardo nadava em júbilo; contemplava a Caetano, com os olhos úmidos, julgando-o uma criação sua e feliz com aquela prosperidade, que tencionava explorar o mais possível.

Pavoneava-se pela sala, crente de que o novo gabinete se compunha dos sete ministros e de um apêndice que era ele: essa triste idéia aumentou a soma dos seus ridículos, já bastante formidável!

Caetano sorria, com a habitual urbanidade, sem a mínima partícula de entono[25]: aceitara a pasta para se tornar útil, com o firme propósito de trabalhar e lucrar pelo bem do país, embora sofresse oposições e sarcasmos.

---

[25] Sentimento de amor-próprio; altivez; orgulho.

Colocava o cumprimento do dever acima de todas as considerações humanas e seu espírito superior desconhecia essas mesquinhas satisfações, em que se compraz a maior parte dos homens.

A posição social que ocupasse, por mais elevada que fosse não passaria de singela moldura a orlar a sua sublime individualidade: diante da grandeza da tela, todos os ouropéis[26], que a cercassem, perderiam o brilho.

Tal era o homem, que se encarregara do ministério da agricultura, onde poderia realizar grandes resultados e manifestar os recursos de sua poderosa inteligência.

[26] Brilho falso, esplendor aparente.

XVII

Eram muito concorridas e agradáveis as reuniões do ministro de estrangeiros, às segundas-feiras: a mulher, uma gentil morena, educada em Paris, sabia receber e entreter os convidados.

Cantavam, tocavam, jogavam e depois começava a dança, prolongando-se até muito tarde.

Julia sentia verdadeiro entusiasmo por Lúcia, que a apreciava, votando-lhe afeição: prezavam-se, freqüentavam-se, aparecendo juntas em algumas festas.

Ofereciam gracioso contraste aquelas formosas cabeças, dignas da realeza.

Em uma dessas reuniões, Julia conversava com Dr. Maximo de Andrade, recentemente chegado da Europa, onde se haviam conhecido.

- Verá como Lúcia é encantadora! como se afasta do comum das mulheres! dizia a moça.

- V. Ex. excita a minha curiosidade, pois conheço a elevação do seu espírito e sei que não se exalta facilmente! Deve ser uma maravilha a sua amiga! exclamou Maximo.

- Diz bem! é uma maravilha, olhe, ali vem! e ligeira, foi ao encontro de Lúcia.

Maximo voltou a cabeça e sentiu a alma curvar-se, fascinada à medida que a moça se aproximava, deslizando, como luminosa aparição, com brancas roupagens, elegante, flexível, deixando em sua passagem uma corrente perfumada.

Em seu porte senhoril havia alguma coisa de casto e suave; a sua vista atuava unicamente sobre o espírito, encantando-o e deixando os sentidos permanecer mudos, tranquilos, subjugados pelo êxtase da alma.

Depois que a amiga saudou os conhecidos, Julia lhe tomou a mão e passaram ante Maximo, que se ergueu, cortesmente.

- Apresento-lhe Lúcia, de quem lhe falei tanto; - e voltando-se para a moça, acrescentou:

- É o Dr. Maximo de Andrade, espírito fino, um dos meus afeiçoados.

Lúcia, sorrindo, cortejou-o e sentou-se na próxima cadeira. Maximo apoiou-se ao piano, a dois passos de distância.

- Chegou de fora? inquiriu ela, amável. É a primeira vez que o encontro, aqui.

- Efetivamente, minha senhora. Cheguei, há dias, da Europa, onde tive o prazer de me relacionar com D. Julia e o conselheiro.

E, largo tempo conversaram sobre mil assuntos, sentindo satisfação em encontrar um no outro os mesmos gostos e inclinações.

Lúcia, às vezes, calava-se e ouvia aquela voz pausada, branda, turturina[27], que a deliciava, agitando-lhe o pulsar do coração amedrontado.

Maximo tinha trinta anos; estatura acima da mediana, musculoso, ombros largos; cabelos auri-castanhos, anelados; olhos de um azul-cinzento à la Vallière; nariz aquilino, de asas movediças; boca rubra, melancólica, ornada de pequenos dentes e sombreada pelo bigode fino, de um loiro claro; mãos p*otelées*[28] de palmas nacaradas, dedos longos; andar compassado e elegante.

A moral correspondia ao físico: alma apaixonada, idealista, conservando generosos impulsos, apesar da corrupção que o cercava; espírito ilustrado, são, votado ao culto do belo.

As suas produções literárias eram loiras e meigas como ele, vogando pelos espaços, risonhas, mimosas, envoltas em bruma, suspensas da terra, em demanda do céu.

---

[27] Diz-se do canto das pombas, ou rolas; por extensão, cantante.

[28] Descrição da cor dos olhos, referência a Luise de là Vallière, amante do rei Luiz XIV, conhecida por sua beleza e doces olhos azuis. É personagem título de um romance de Alexandre Dunas, Pai, parte da trilogia dos Três Mosqueteiros. A seguir, no presente texto, mãos *potelées,* mãos roliças.

Tivera muitas aventuras, muitos amores, alguns pesares, mas tudo esqueceu, tudo se apagou, ante Lúcia; só o amor idólatra, que votara à mãe, poderia ombrear com a grandeza do sentimento, que brotava agora em seu seio.

Sim! essa adorável criatura encheu-lhe a alma, causando-lhe indefiníveis emoções, ligando-o à vida, a tudo, infundindo-lhe um sentir profundo e imorredouro.

Caetano chegou-se à filha, que o apresentou a Maximo: grande simpatia estabeleceu-se logo entre eles e falaram sobre as questões do dia: o moço admirou o ministro, que também muito apreciou o seu critério e a justeza de suas opiniões.

Julia aproximou-se, sorrindo, tomou o braço da amiga e a conduziu ao piano: Lúcia acompanhou magistralmente um trio de violoncelo e rabeca; Maximo, como entendedor, aplaudiu-a, freneticamente.

Logo depois, por pedido de Julia, executou Maximo, brilhantemente, o *Elixir de amor* de Thalberg[29]: Lúcia e Caetano o felicitaram, convidando-o para as suas quintas-feiras.

Nessa noite, Rodolfo, inquieto, revolvia-se no leito, sem poder conciliar o sono: com os olhos fechados ou abertos, via sempre a

[29] Sigismund Thalberg (1812-1871), virtuoso do piano, contraponto a Liszt com quem fez um famoso concerto-duelo. Esteve no Brasil em 1857, em uma de suas inúmeras tournées . Autor de óperas e especialmente de Fantasias, isto é, bem sucedidas paráfrases ou livres transcrições de trabalhos de outros compositores. No texto, paráfrase do *Elixir de Amor* de Donizetti.

harmonia de duas frontes, belas, inteligentes, iluminadas pelos lustres do salão.

Até então, no inferno de sua existência ainda não se projetara o sinistro clarão do ciúme: amava Lúcia, mas a pureza daquela alma adormecida, tranqüilizava-lhe o quebrantado coração.

Nessa reunião, porém, deparando com Maximo, junto à mulher, lancinante dor esmagou-lhe o peito e conheceu a medonha tortura, que enlouquece e arrasta ao crime.

Lúcia, pálida, deixara-se cair sobre um divã no *boudoir*, imóvel, em íntima contemplação, alheia ao mundo, como deslumbrada pela perspectiva do infinito, sem voz, sem força, magnetizada pelo próprio coração.

E, o que via ela?

Maximo! Maximo! adorável, sereno, fitando-lhe o olhar azulado como um reflexo da lua, sorrindo com indefinível expressão, atraindo-a para desconhecidas regiões, onde a luz diurna tinha a magia das auroras boreais.

E o corpo, subjugado pela alma, caiu de joelhos, a face ocultou-se nas almofadas e o pobre anjo chorou a perda daqueles esplendores e alegrias.

- Oh! meu Deus! murmurou ela, é amor o que sinto e não me é dado amar!...Porque permitiste que esse raio divino me fulminasse, se conhecias os tormentos da minha vida!...Livre, pura e, no entanto, presa ao destino de outro!...Oh! eu já padecia tanto!.....

E, louca, soluçava, vertendo as primeiras lágrimas, de amor, aos vinte e três anos, virgem de corpo, porém, com o espírito iniciado em todos os tenebrosos mistérios das paixões, que tumultuavam a sua vista, desde o momento, em que se imolara para salvar a mãe e poupar o pai!

Mísera! tivera de cerrar os olhos, indignados e feridos por terrível espetáculo, na idade em que as demais mulheres vivem de devaneios, embaladas a sorrir em fagueiras esperanças!

E agora, além de tantos sofrimentos, sua alma, onde somente as dores se haviam espelhado, refletia a amenidade de um céu de amor, que surgia como irrisão, no meio daquelas tristezas e amarguras!

E, de bruços, apertando o seio, tentando sufocar o coração, permaneceu, até ao romper do dia.

XVIII

Meses depois, Maximo freqüentava com assiduidade a casa de Caetano; não faltava às quintas-feiras e aparecia durante a semana para palestrar.

Aumentando-se lhe de dia a dia o afeto que votava à Lúcia, vendo-a perdida para sempre e presa a outro homem, padecia e julgava-se verdadeiramente desgraçado: por que não a conhecera mais cedo, enquanto houvera possibilidade de lhe oferecer a vida e o coração?

Amava-a, com loucura e por isso invejava a posição de Rodolfo, se bem que uma voz íntima, a intuição do amor, lhe indicasse uma barreira entre Lúcia e o marido: não saberia explicar essa conjectura, mas sentia que acertara.

Na intimidade, pode apreciar, devidamente, esses tesouros da alma apaixonada de Lúcia, sua idolatria filial e a melancolia do seu espírito elevado e combatido por cruéis dissabores.

Entretanto, nada podia fazer por ela! Até a revelação do amor lhe era vedada, pois importava quase uma sedução, plena a melindrosa posição da moça e por certo havia de molestá-la duplamente.

Demais, para que confessar aquele afeto? acaso ela não o via em seu olhar, em sua voz, como ele lera o segredo da sua palidez e dos olhos pisados?

A confissão era inútil: sabiam por instinto o que mutuamente sentiam, e a palavra, em tais casos, é uma profanação; por que dizer ao ídolo que o adoramos, quando ante ele estamos de joelhos?

Lúcia, nos dias ordinários, recebia os íntimos em uma saleta perfumada, disposta com arte, cheia de encantadores *bibelots*, álbuns, livros, trabalhos de agulha.

São dez horas: Melania acomodara-se, Rodolfo saíra, Caetano estava em conferência de ministros, as visitas sucessivamente se haviam retirado e Maximo ficara, conhecendo que devia sair e sentindo-se sem forças de deixar a linda criatura.

Depois de conversarem um pouco, ele, a pedido de Lúcia, dirigiu-se ao piano e tocou umas músicas tristes, chorosas, exprimindo o que seu peito encerrava.

Lúcia deixara cair das mãos o bordado e reclinando a cabeça no espaldar da cadeira, entregara-se com o olhar parado, à dolorosa meditação.

Entrou Caetano, lentamente se aproximou e mirou-lhe o semblante, banhado de lágrimas, sem que ela o pressentisse, porque o tapete e a música abafaram os passos.

Inquieto, beijou-a em muda interrogação; a mísera cerrou as pálpebras, sacudiu a fronte, conchegou-se à si e murmurou-lhe ao ouvido:

- Estava cismando, paizinho, ao som desta sublime melodia!

Caetano sentou-se, sem ruído, ao seu lado, segurando-lhe a mão fria e cravando-lhe o olhar profundo, anelante, como a lhe devassar os arcanos da alma: ela desviou a vista, suspirou e recostou-se, com fadiga.

Momentos depois, saindo Maximo, ela se despediu do pai, sorrindo meigamente e só, no genuflexório, sem receio, sem pejo, chorou com expansão, ante a face cadavérica de Jesus, que lhe fitava o angustiado olhar.

Caetano, recolhido ao gabinete, sentiu o pungir de intolerável incerteza: duvidava do coração da filha, antevia uma falha naquela esplêndida joia e sofria como pai e como artista, revolvendo as seguintes questões:

Seria ela digna de compaixão ou de censura?

De compaixão?...por que?

Não havia desposado Rodolfo de moto-próprio, afrontando mesmo certa repugnância de sua parte?

Esse marido era moço, bonito, inteligente!

Mas ela se mostrava pouco expansiva com ele e caia, muitas vezes, em longas cismas, que muito inquietavam seu paterno coração!

Seria, então, romântica ou volúvel?

Amava porventura a Maximo? isso lhe parecia agora evidente e tudo concorria, de há muito, para lhe firmar as desconfianças, desde a aparição do moço, tendo acompanhado as transformações da filha, as quais não podiam escapar à sua inquieta ternura.

Em verdade, Maximo era um homem superior, digno de toda estima e ele mesmo, ao contemplar o gracioso conjunto daqueles dois seres, suspirara, pesaroso, por vê-los fatalmente separados: eram tão perfeitos, tão semelhantes!

Mas as mulheres, verdadeiramente honestas, deverão analisar assim os homens e deixar-se fascinar por outros encantos além dos que couberam em sorte à pessoa do marido?

Que problemas! que abismo! que dores!

Caetano não era bastante apto, para resolver tão melindrosas matérias psicológicas: seu amante coração enchera-se inteiramente com a imagem de Melania, cativando-se para sempre ao cumprimento de um dever que o inebriava.

Tinha, porém, a alma forte e digna um tanto severa; como a sua fidelidade nada lhe custava, sendo espontânea, tornava-se exigente nesse ponto, não admitindo o mínimo desvio alheio.

Por isso, sofria cruelmente, analisando os sentimentos de Lúcia; então, sua filha, a essência do seu composto, degeneraria tanto?

Não! era impossível! devia existir uma razão qualquer, talvez medonho mistério e para ele desconhecido.

Abatido, encaminhou-se para o leito, triste e desgostoso: de repente, ouviu, no silêncio da noite, os gritos de Melania e correu a socorrê-la, sem prevenir a filha, como fazia ordinariamente.

Encontrando a enferma no tapete, em horríveis convulsões, inteiramente desfigurada, deu-lhe éter a cheirar e ela caiu no delírio, falando, chorando, revelando o que o marido necessitava saber para decifrar o enigma apresentado por Lúcia.

E, em fatal lucidez, sem nada omitir, revelou tudo, dia a dia, toda a história daqueles quatro anos de tortura e Caetano, segurando-se aos móveis, às roupas da cama, com os cabelos eriçados, padeceu horrorosamente.

Como a deslealdade daquela mulher, a quem tanto amara, trucidava-lhe o coração, tornando-o alheio a tudo mais?

À medida que ela falava, pronunciando o nome de Rodolfo e mostrando toda a hediondez do drama em que Lúcia fora o cordeiro sacrificado, recrescia também o ódio de Caetano: com sombrio fulgor no olhar desvairado ia feri-la talvez.

Mas a alucinação daquele rosto fanado, avelhantado, o desarmou; caiu de bruços junto à mísera, e chorou as primeiras lágrimas da desgraça, tendo sido sempre bom e humano.

Chorou as passadas ilusões, o afeto que votara àquela infeliz, a desventura da filha e até a impossibilidade de se vingar, alcançando toda a extensão e delicadeza do sacrifício de Lúcia, e compreendendo o posterior castigo dos próprios culpados.

Quanto o amargurava lembrar-se de que ousara duvidar da filha, da pobre mártir, da infeliz donzela, que tinha o direito de amar aquele que o seu coração escolhera.

Oh! como deveria amar o Maximo, nascido para ela!

A imagem de Lúcia serenou pouco e pouco o seu pobre espírito, selou para sempre o enlutado passado e, do íntimo da alma, perdoou à mãe, em homenagem à filha.

Abaixou-se, tomou Melania nos braços, deitou-a no leito, cerrou o cortinado e saiu, lentamente, como espectro abandonando o túmulo.

Ao entrar no quarto caiu de joelhos, murmurando:

- Perdoa-me, meu anjo, o martírio de tua vida!

E abismou-se na dor, até que o sol despontou como cruel ironia.

Quantos lhe invejariam a felicidade de ser ministro!

XIX

Daí em diante, Caetano tornou-se mais afetuoso para Lúcia; e ela corava, trêmula, julgando que o pai houvesse devassado o segredo do seu amor, tão profundo, tão íntimo, tão oculto pelo desespero.

Comovido, ele a abraçava, mirando-lhe o semblante pálido, melancólico, trabalhado da vigília; crescia a sua mágoa; agora conhecia aquela agonia, sem esperança, aquele padecer, sem gemido!

Por sua vez, Lúcia, notando-lhe a magreza e certo abatimento, inquietou-se; ele lhe sorriu, dizendo:

- Nada sinto, caro bem, talvez seja alguma fadiga pelo excesso de trabalho.

- Modera-te, paizinho, não adoeças, por piedade! exclamou empalidecendo.

Descansa, não adoecerei! acudiu o pai, compadecido do temor daquela dolorosa ternura.

Às quintas-feiras, as reuniões, em casa de Caetano Pinto, eram muito divertidas e bastante frequentadas: ele gozava de geral estima, e a finura de Lúcia sabia realçar essas festas obrigatórias, tornando-as atraentes e variadas.

Até certa hora, havia concerto, onde figuravam artistas de merecimento e distintos *virtuoses*; depois começava a dança, animada por músicas escolhidas e vertiginosas.

Lúcia, afável, carinhosa, sorria a todos, tendo uma amabilidade para cada convidado: a sociedade compunha-se de elementos heterogêneos, como ordinariamente sucede entre nós, imperando, no entanto, a flor do *high-life*, que mais saliente tornava a discordância, formada por alguns *tipos*, toscos e grotescos.

Só a ninhada do compadre Bernardo bastava para alterar a harmonia daquele escolhido conjunto, mas como poderia Caetano impedir a vandálica invasão?

Com outra curiosidade agora, e acusando o destino, Caetano notava nessas reuniões a assiduidade de Maximo junto à filha e quanto à idolatria do moço lhe enchia a alma.

Efetivamente, Lúcia sentia o coração sobejar-lhe no peito, aos embates daquele amor imenso, infinito na intensidade, nas dores, nas apreensões e na esperança.

Nascida como os filhos malditos, para desaparecer e sepultar-se à voz do dever, amava, porque é impossível matar essa faculdade d'alma, mas pertencendo a um outro homem, perante a sociedade, sufocaria todos os impulsos, todos os brados dessa paixão, que a dominava, contra a própria vontade.

Não poderia apagar a chama que a devora, não conseguiria esquecer a adorável imagem de Maximo, porém, com seu desespero, ocultaria o devastador incêndio aos olhos do mundo, deixando a destruição operar-se surda e lentamente.

Quando tudo estivesse consumido, isto é, quando o princípio vital cessasse, sua alma deixaria as humanas misérias, branca, pura, suave, vaporosa, como nuvem de perfumoso incenso, subindo até ao Criador.

E a mísera e sublime criatura cerrava as trêmulas pálpebras às deslumbrantes ilusões do seu afeto, obrigada os lábios a não pronunciarem aquele nome, tão doce e tão amaro, tão consolativo e tão afligente!

Era esse nome a síntese de tudo que poderia encantar e torturar.

- Maximo,! Maximo! o maior de todos! o mais belo! o melhor dos homens! murmurava, baixinho, o coração.

E a emoção crescia, inundava-lhe o seio, oprimia-lhe a respiração e derramava-se ardente, impetuosa, em uma torrente de lágrimas e ela chorava; ninguém pode impedir o pranto, que tudo resgata, que tudo lava e purifica!

Uma noite, depois que todos se retiraram, Lúcia ficou ao piano, triste, absorta, alheia ao que a cercava, tocando, maquinalmente, plangentes melodias: Caetano adivinhou o que a filha sentia, apertou-lhe o busto e beijou-lhe os cabelos.

Sem se interromper, ela deixou a cabeça descair para trás, oferecendo-lhe a fronte, sedenta de carinho: ele a roçou com os lábios, saindo lentamente e enxugando os olhos.

Compreendia o pobre pai aquela necessidade de isolamento, aquele marasmo moral, em que a dor se entorpece, deixando a alma em completa inércia: é uma trégua, apenas, em que se haurem forças para novas lutas, mas, enquanto dura, dá, ao menos, um pouco de repouso!

Sê abençoado, meu Deus, por essas compensações! Até nisso a tua infinita misericórdia se manifesta!

Largo tempo, a moça esteve imersa naquele torpor, deixando correr os dedos pelo teclado: de improviso, um passo incerto parou à porta da sala e o lívido semblante de Rodolfo apareceu, sob o reposteiro.

Segurou-se ao umbral e fixou o olhar ardente na mulher, contemplando-lhe a elegância e a melancólica atitude: um soluço medonho saiu-lhe da garganta, dolorosamente contraída e, resoluto, caminhou para ela, que o pressentiu e encarou, com alguma surpresa.

Apoiou-se ao piano, muito pálido, com pouca firmeza nas pernas, os cabelos em desordem, o fato machucado e disse, com voz abafada e trêmula:

- Vê a que ponto cheguei?!...embriaguei-me!... e não é a primeira vez! acrescentou, vendo o gesto repulsivo da moça. Oh! Lúcia! se conhecesse o inferno do meu viver, teria dó de mim!...Amo-a!... é verdade o que dizia sua mãe!... ela soube ler o que existe em meu

coração e que eu procurava ocultar a mim mesmo!... Amo-a, de há muito, como um louco, como um condenado!... E o meu padecer é tão medonho, que resgata o seu cruel sacrifício, Lúcia!

Erguendo-se, ela constrangida, resolvida a retirar-se, Rodolfo juntou as mão súplices, dizendo:

- Por piedade! ouça-me, nunca mais lhe falarei, mas hoje, deixe desabafar o meu desespero!...É tão boa para todos, seja-o também para mim!... Fui culpado em ceder à voz da mocidade, em prender-me à beleza de uma criatura, que não se pertencia, em seguir os exemplos perniciosos, que via em toda a parte, porém tenho sido cruelmente punido e creia que me sinto quase redimido!

Haverá maior castigo do que passar, sem a ver, ter podido conquistá-la e perdê-la para sempre?!... Que fatal cegueira a minha!... Deixar de possuí-la! A senhora que poderia compensar mil tormentos e amarguras! digna de toda adoração, a senhora que eu quisera felicitar, à custa da própria vida e que imolei, involuntariamente!

Perdoa-me! eu sofro tanto!...Amei-a sempre, foi o primeiro amor da minha alma!... Antes de amá-la, apenas sentira a violência dos meus desejos; amando-a, padeço os delírios do coração, choro a minha inútil ternura e não sinto o meu corpo! Só um grande afeto absorve o ser a este ponto e o meu amor é fanatismo... Na Europa, aqui, em toda parte, de dia, à noite, as mesmas saudades, o mesmo frenesi pela sua presença e o mesmo pesar!... E, demais, bela, inteligente, cheia de graças, capaz de fascinar, poderá atravessar impunemente a quadra florida, sem se abalar ao influxo dos sentimentos que desperta/ inquiriu ele, com angústia.

Vendo-a corar e lançar-lhe um olhar de severa dignidade, apertou ele a cabeça com as mãos febris e acrescentou:

- Perdão!... nem sei o que digo! Estou certo de que sua alma angélica se votou a seu pai e só por ele vive: mas, às vezes, não posso sufocar o ciúme, que me devora e irrompe sempre que vejo qualquer homem a seu lado!... Tenho feito tudo para esquecê-la, mas na orgia, na empestada atmosfera da devassidão, sempre a sua luminosa imagem a me ofuscar, fazendo-me odiar o vício, que não a pode suplantar e perseguindo-me ainda na embriaguez e nos braços dessas mulheres, de quem fujo, com asco e raiva!...Oh! que martírio!

À medida que falava, os vapores do vinho se iam dissipando, ao influxo de seus pesares e ele mais sofria, sentindo, contudo, uma espécie de volúpia naquela dolorosa e imprevista confissão.

- Sua mãe, em vez de me causar piedade, irrita-me; odeio-a, como a origem de meus males, tal é o desvario a que cheguei! acrescentou ele.

Lúcia, ruborizando-se, lhe disse:

- No entanto, o senhor a amou, despedaçando nossas existências e paga a alucinação da pobre criatura com sentimentos rancorosos! E, afinal, o que fez ela? amou-o e perdeu-se para sempre!... Como são medonhos os reversos desses amores culposos! Esse triste resultado, só por si, serve de tremenda lição!... Meu Deus! como é desgraçado o coração, em tudo esquecer! murmurou ela, com vago receio, lembrando-se de Maximo.

- E o meu horrível sofrimento não me absolve aos seus olhos?..... Não me lastima, nem perdoa? inquiriu Rodolfo.

- Deve padecer muito!.... lastimo a sua falta de outrora, que é a causa de seus padecimentos e nada tenho que perdoar: sacrifiquei-me por meu pai! disse tristemente.

- Mas, já não me despreza tanto, não é verdade? perguntou ele.

- Lastimo-o e peço-lhe que se retire e nunca mais me fale sobre este assunto! acrescentou, com firmeza.

Ele empalideceu horrivelmente, quis ajoelhar-se, conteve-se e saiu, trôpego, soluçando, derramando lágrimas de fogo, que lhe escaldavam as faces.

Lúcia ficou muda, inerte, sucumbindo sob aquele acrescimento de fadiga moral: pesava as dores, cuja revelação acabava de ouvir e compadecia-se do infortúnio, em que Rodolfo se debatia prestes a transpor o limiar da abjeção.

- Infeliz! murmurou, foi culpado, mas tem sofrido duramente!

XX

Alguns meses depois, temendo a impetuosidade de seu afeto, amedrontada pelas funestas conseqüências das paixões, que se agitavam em torno a si, havia cinco anos, e incapaz de faltar aos deveres impostos pela sua posição, Lúcia resolveu afastar o homem, cuja presença a extasiava.

Pálida, trêmula, entrou no gabinete de Caetano, e sentou-se enleada.

- Sentiste saudade de mim? inquiriu o pai, sorrindo e depois de abraçá-la ternamente.

- Senti, paizinho, como sempre que estás longe de minha vista, mas, além disso, queria pedir-lhe um favor, Sr. ministro! acrescentou, com afetada gravidade.

- Fale minha senhora! respondeu Caetano, no mesmo tom.

Ela corou de leve, fez ligeiro esforço e disse:

- Paizinho! bem podias arranjar...uma comissão especial...afim de enviar `a Europa...o Dr. Maximo de Andrade...É moço, tem talento e

é justo que o auxilies, visto o apreciares tanto! acrescentou, baixando os olhos.

Caetano lia avidamente o que se passava naquela grande alma; orgulhava-se pelo estoicismo da filha e sofria com as dilacerações do mísero coração em luta, entre o amor e o dever.

Contendo a emoção perguntou:

- Ele desejará partir?

- Ora!.... sem dúvida!....Qual é o homem, que não estimará voltar à Europa!.... Escreve essa nomeação, paizinho, eu a estou esperando! exclamou, febrilmente, fitando as flores do tapete.

Caetano baixou a fronte e escreveu durante alguns minutos; tocou a campainha; apareceu o oficial de gabinete, a quem incumbiu de fazer a nomeação, e, pouco depois, o moço lhe entregou o papel para ser assinado.

O ministro despediu-o com o gesto, assinou o papel e o passou à filha: ela hesitou, um segundo, como se tivesse de levar a própria condenação; de repente, arrebatou-o das mãos do pai, beijou-lhe os cabelos e saiu como uma sombra.

Caetano seguiu, com olhar anuviado aquela amargurada criatura, e, deixando pender a cabeça sobre a mesa, chorou em silêncio lágrimas amargas, santas, saídas de seu paterno e despedaçado coração.

Chorava! nada mais podendo fazer por ela!

Recolhida ao quarto Lúcia, apertando a nomeação entre os dedos crispados, ajoelhou-se, voltada para Jesus crucificado, e murmurando:

- Meu Deus! ampara-me! é tamanho o meu martírio!

À noite, na saleta perfumada, Maximo, com sua voz doce e compassada, lia as poesias do mimoso Copée[30] e ela o ouvia, refreando os soluços e guardando no ouvido a melodia de suas palavras enquanto acabava um trabalho de agulha.

Sem desviar os olhos da renda, disse, de repente:

- Doutor.... pedi a meu pai que o mandasse à Europa, em comissão especial!.... desculpe haver disposto assim da sua vontade!

Maximo fechou o livro e mirou-a tristemente.

- Quer que eu parta? inqueriu, cravando-lhe o olhar angustiado, cheio de queixas e carinhos.

Compreendeu ela que era inútil dissimular; sua natureza leal e nobre preferia a verdade a todos os rodeios, que as conveniências impõem; demais, sabia que se tratava de sua vida inteira e que tudo deveria afrontar.

Enrubesceu, deixou o trabalho e surdamente, disse:

---

[30] François Copée (1842-1908), poeta, contista e autor dramático francês, considerado um dos pais do parnasianismo. Influência em poetas brasileiros como Olavo Bilac ou Alberto de Oliveira.

- Sim! quero que parta!.... é preciso!.... Suplico-lhe! acrescentou, notando-lhe o desalento.

- Bem!.... partirei, já que o ordena, mas aqui ou lá, nesta vida ou na outra, hei de amá-la sempre, com a mesma idolatria! exclamou, tomando-lhe a mão gelada.

Comovida, inclinou Lúcia o pálido semblante, como para ocultar as lágrimas que o inundavam.

Caiu-lhe aos pés Maximo, ajoelhado, a soluçar fortemente; e, quando pode falar, disse:

- Oh! Lúcia! que fatalidade pesou sobre nós! porque não nos encontramos mais cedo!....Sei o que se passa em sua alma, adoro-a pelo afeto que me vota, pois adivinhei o que sentia, com a percepção do meu amor! Compreendo a razão porque me afasta, adorada mártir e venero-a, como a uma santa!.... Partirei, embora a essa ideia me sinta enlouquecer!.... Oh! como te amo! sublime criatura!

Olhou Lúcia demoradamente: a chama azulada daqueles olhos apaixonados lhe banhou a alma atormentada e ela balbuciou:

- Não me tentará apagar de sua memória?.... promete?

Fitando-lhe os negros olhos, donde corriam ardentes lágrimas, Lúcia exclamou:

- Esquecê-lo?!.... não o conseguiria, embora o quisesse!

Máximo fervidamente lhe beijou as mãos e saiu, com louco: ela caiu no divã sem luz, sem calor, sentindo frio no coração.

- Meu Deus! ainda não era bastante o que eu já padecia?!....Como a vida me tem sido pesada!...Bem doloroso devera ser o meu primeiro vagido! era a antecipação desse longo sofrimento, que constitui minha existência!... Há entes predestinados, desde o berço!....Filha única, idolatrada por meu pai e tão desgraçada!... Que irrisões, meu Deus?!

E, semimorta, retirou-se aos seus aposentos para continuar a série das noites sem sono, povoadas de pesares e amarguras intermináveis.

XXI

Algum tempo depois, o dia amanhecera sombrio, predispondo à melancolia, oprimindo o seio, fazendo encarar a vida pelo lado tristonho das decepções e das mágoas.

Lúcia passara a noite com febre e erguera-se abatida: envolta no branco *peignoir*, reclinada no divã, cismava, revolvendo no pobre cérebro um mundo de dores e inquietações.

A partida de Maximo mortificava-a cruelmente: dizia-lhe uma voz íntima que nunca mais o veria e essa idéia provocou-lhe um momento de revolta.

Por mais branda que seja a alma, rebela-se ao excesso dos padecimentos, irritando-se contra o destino e contra tudo que a cerca: assim sucedeu à mísera.

Já havia sofrido tanto! imolara, em cruel sacrifício, a mocidade, o futuro, as ilusões, toda a vida: porque, então, não lhe fora outorgado resguardar o coração contra as tempestades do amor?

Paga o universo inteiro ao deus velado o seu tributo de pranto e desespero; que necessidade tinha essa cruel divindade de mais algumas lágrimas?

Nunca mais! que desalento! que desvarios nestas duas palavras, síntese da desesperança, base da desoladora inscrição do inferno de Dante!

Nunca mais! isto é, perdido para sempre, em contínua ausência, longe da vista, em perpétua separação.

E a criatura, sombra passageira, sujeita-se à essas iniqüidades da sorte, sem praticar violências, afim de obter um pouco mais de alegria!

Essa resignação é sublime ou néscia?

Sublime! porque renunciamos, voluntariamente, à ventura, que poderíamos conquistar com uma pouca de energia, desprezando preconceitos e conveniências sociais.

Sublime! porque reconhece a inutilidade da própria grandeza e nem assim vacila!

Sublime! porque lavra a própria condenação!

Sublime! porque é filha da fé e só a religião engendra semelhantes resultados!

A alma dorida, prostrada, volvia a essa noite, em que conhecera Maximo e extasiava-se, sentindo-se despertar, amante a apaixonada, ao influxo daqueles olhos sidéreos, cheios de encantadoras carícias.

Como ela amava aquela artística e auri-castanha cabeça, frisada pela mão dos anjos e quantas vezes a contemplara, com ebriedade, só ante o ídolo, no teatro lírico, quando ele a apoiava, cismarenta, à coluna do camarote, ouvindo Meyerbeer, Verdi ou Carlos Gomes[31]!

Outras vezes, em bailes, tudo a enfastiava, as flores não tinham perfume, a luz empalidecia, a música era monótona: ele aprecia e tudo brilhava para ela; o sangue subia-lhe às faces e o olhar cativo do amado afagava-a em meigos eflúvios.

Ele lhe sorria, com seu brando sorriso, feliz por vê-la, achando que mirar é possuir, amando-a com a delicadeza do seu sentir, admirando-a como a encarnação do ideal.

E tudo isso acabaria para sempre! ele partia!

Seus olhos, fatigados pelo amargurado pranto, nunca mais repousariam sobre aquele semblante adorável, que lhe fora refrigerante oásis!

Não o vendo, perderia toda noção do belo e gastaria a memória pelo frenesi, com que evocaria aquela deslumbrante imagem.

Assim, dolorosamente absorta, não ouvira o criado anunciar Maximo, de modo que o mancebo a encontrou reclinada e perdida em cismas: avistando-o, ela corou e sentou-se de golpe.

---

[31] Giacomo Meyerbeer (1891-1864) compositor alemão, considerado criador da Grand Opera francesa. Giuseppe Verdi (1813-1901), italiano, compositor de enorme sucesso de Rigoleto, Traviata, Torvattore entre inúmeros outros. Carlos Gomes (1836-1896), compositor brasileiro autor de O Guarani, dentre outros. Gomes e Verdi ainda viviam quando este livro foi escrito.

- Sofre? inquiriu ele, notando-lhe o abatimento.

- Tive um pouco de febre, esta noite, mas já passou!

- Venho despedir-me!.... Não calcula quanto me custa esta partida!.... Quer saber de uma coisa?.... parece-me que nunca mais nos veremos! disse com tristeza.

Lúcia empalideceu, notando aquela simultaneidade de pensamentos; mas, procurando sorrir disse:

- Não creias em pressentimentos!.... havemos de nos encontrar ainda! somos tão moços!.... Seja forte, quando alguma idéia funesta lhe ferir a mente, trate de bani-la, por amor de mim, sim?.... Lembre-se de que, longe, velarei pela sua vida, orando, com fervor!

Olhou-a longamente Maximo, como quem se despede, como quem parte, absorvendo-lhe as meigas palavras e a melancolia do divino semblante.

Embebia-se naquela tépida tristeza, como um gladiador se envolveria no véu, impregnado de lágrimas, da mulher amada, respirando-a assim, até exalar o último suspiro.

Era preciso partir e deixá-la: compadecendo-se do que ela sofria, quis abreviar aquele suplício: apertou-lhe a mão febrilmente e ergueu-se.

Fixando nele o angustiado olhar e sem forças para se por em pé, Lúcia murmurou:

- Adeus!

Olharam-se, durante alguns segundos, como se mutuamente transmitissem as almas de um a outro seio: alucinado, abraçou Maximo aquela cabeça de mártir, beijou-a loucamente, orvalhou-a de lágrimas e saiu rápido e sem volver-se. Na escada encontrou Caetano, que voltava de Câmara; despediu-se, de modo alvar e, mais adiante, trôpego, apoiou-se à parede fronteira a casa, onde ficavam sua vida e seu destino!

Aflito e adivinhando o sofrimento de Lúcia, dirigiu-se Caetano à saleta, onde ela se achava; a mísera conseguira levantar-se; arrastando-se até à janela, aparara-se ao peitoril e procurava ver ainda Maximo, que se afastava lentamente.

Aproximou-se Caetano e viu-a, lívida, diáfana, segura à janela, de pálpebras cerradas, aureolando o semblante pelo martírio: a infeliz fechara os olhos para reter, por mais tempo, aquela adorada imagem, que lhe enchia a alma.

O pobre pai sentiu o peito estalar ao embate de uma dor lancinante e, desesperado, apertou-a ao coração, balbuciando entre soluços:

- Minha pobre filha!.... anjo de mansidão! para que nasceste?!.....

Ela estremeceu, como se um raio a fulminasse; soltou medonho grito e cobriu as faces ruborizadas.

Deitou-a Caetano no sofá, ajoelhou-se ante ela, abriu-lhe as mãos umedecidas de lágrimas; embalando-a, docemente, alisando-lhe os cabelos, e beijando-lhe os olhos dizia:

- Não te assustes, minha filha!.... Não sabes que me habituei a ler em tua alma?.... Não cores, podes ombrear com as santas, sofres também o teu suplício!.... Ah! se eu adivinhasse, nada disso sucederia!

Lúcia soergueu-se sobre um braço, lívida, com o suor da agonia, receando que o pai aludisse à falta de Melania, e cravando-lhe o olhar profundo e aterrado: vendo ele aquela angústia compreendeu que se havia excedido e acrescentou:

- O que tens, filhinha? se eu adivinhasse que, mais tarde, encontrarias a outra porção da tua alma, o ente que te merecia, não consentiria no teu casamento!

- Oh! cala-te, por piedade! bradou ela, caindo nas almofadas. Cala-te; e perdoa-me, paizinho! e ocultou a fronte no seio do pai.

- Perdoar-te?!... anjo querido! à ti, que padeces, quando devias ser tão feliz! Perdoa antes a mim, por te haver provocado a existência, não tendo ao depois a força de te proteger contra o destino!

E, longamente choraram pai e filha, estreitamente unidos.

XXII

Durante um ano viveram, Lúcia e Caetano, tentando tranquilizar-se mutuamente.

Deitando um pouco de carmim nas faces pálidas e magras, afim de não assustar ao pai, ela somente chorava na solidão das suas longas noites de saudade e desesperança.

Caetano trabalhava, com frenesi, contribuindo para os melhoramentos do país: o ministério da agricultura devia-lhe grande desenvolvimento e seus colegas, aproveitando-lhe os sábios avisos, várias vezes o consultavam.

O lar era a sua geena[32]: a vista de Melania e de Rodolfo causava-lhe profundo e irritante desgosto; e o todo da filha abismava-o em crescente angústia a acompanhar a prostração daquele corpinho diáfano, galvanizado pela alma, cheia de devotamento.

Daí, também em si operou-se notável mudança: envelhecera um pouco; algumas rugas despontaram ao canto dos olhos; e um e outro

[32] Lugar de suplício eterno pelo fogo; por extensão, sofrimento intenso, tormento (DH).

fio de prata alterava o negrume dos seus lustrosos cabelos; estava magro; e o olhar, às vezes, brilhava, com chama febril.

Além dos seus pesares domésticos, sofria Caetano dissabores e contrariedades pela má vontade dos homens que o cercavam: uma noite, voltou à casa, pálido, abatido, vivamente irritado. Vinha de uma reunião de ministros, na qual expusera o projeto que pretendia sujeitar às câmaras e que constava do seguinte:

Propunha que se criasse o imposto territorial e se lançasse um imposto de cinco por cento sobre as rendas das classes abastadas, para exclusivamente se atender a amortização da dívida externa e à retirada do papel moeda de circulação.

O imposto territorial já existe em quase todos os países da Europa.

O imposto sobre a renda, Caetano propunha, a exemplo do que fizera William Pitt[33] na Inglaterra, em 1798, quando apresentou ao Parlamento o *income-tax*, fixado a dez por cento, isentados aqueles que tinham menos de cinqüenta libras esterlinas de rendimento.

E tinha razão; se William Pitt, só com esta medida, livrou o seu país de iminente catástrofe, como entre nós duvidar do êxito desse imposto, reunido ao territorial, para salvar a nossa situação

[33] Willian Pitt (1759-1806) foi duas vezes Primeiro Ministro da Inglaterra. Este país estava com as finanças debilitadas devido a Guerra de Independência da América do Norte e da Guerra com a França. Nesse contexto, ele criou várias taxas, inclusive o importo de renda. Os dez por cento referem-se a quem obtinha rendimentos acima de £200 por ano, pois o imposto, a partir de certo montante, subia por faixas.

financeira, uma vez que exista patriotismo que se equilibre a receita com a despesa, que haja exata arrecadação das rendas, que se proceda com a mais severa economia e que absolutamente se não contraiam novos empréstimos externos?

Sentiu cruel decepção na tenaz oposição de seus colegas, quase todos fazendeiros, os quais se encolerizaram com a perspectiva do imposto que deveriam pagar.

Contemplando aqueles semblantes biliosos, transtornados, reprodutivos da fealdade dos vis corações encobertos pela farda agaloada, envergonhou-se de ombrear com eles.

Contudo defendeu o seu parecer com a força da sua lealdade, e teimou em apresentar o projeto, na primeira ocasião, apesar da má vontade e do egoísmo que teria de combater.

Indignado, cansado da vida, dos homens, de tudo, sorriu, dolorosamente, no remanso desse gabinete, onde combinara aquele plano, que lhe parecia vantajoso ao estado financeiro do país.

Mergulhado na poltrona, com o frio da febre, sustendo a fronte abrasada na mão convulsa, murmurou, com profunda mágoa:

- Pobre Brasil!.... tão grande!.... tão rico! e tão vilipendiado pelos próprios filhos!... .Às vezes, aparece um ou outro, digno de ti, mas vê-se sufocado pelo infernal egoísmo da maior parte e tem de ceder ou lutar, improficuamente!.... pois bem! lutarei, embora nada consiga!.. Sofro! padeço horrivelmente, mas não poderei ficar indiferente aos teus males, mísera pátria!....Se, na voragem que me cerca e em que me afundo, pudesse, ao menos salvar-te!....

E o sublime patriota derramava preciosas lágrimas, chorando, conjuntamente, pela filha e pelo berço natal: pérolas líquidas, perfumosas, guardadas na urna do seu civismo, aos pés da Santa Cruz!

Alguns dias depois, o imperador, Caetano e mais dois ministros, partiram, a fim de assistir à inauguração de um novo ramal da estrada de ferro Pedro II.

Lúcia viu o pai partir, inquieta, porque ele se lhe queixara de um acesso febril, sobrevindo durante a noite.

Em pouco, realizaram-se seus cruéis pressentimentos; recebeu um telegrama noticiando que Caetano se achava doente e devia chegar naquela mesma tarde.

Aflita, foi esperá-lo à estação, em carro fechado, cheio de almofadas: estremeceu, ao encarar aquela fisionomia decomposta e, a custo, reprimiu os soluços, beijando os meigos olhos, que a fitavam tristemente.

A volta à casa foi para Lúcia a *Via Dolorosa*, regada com o suor da sua agonia: o seu padecer e a sua tortura não puderam conjurar o triste epílogo, pois uma voz íntima lhe segredava que o pai não se salvaria.

Pálida, abatida, vivo reflexo do semblante paterno, ela saltou do carro, ajudando aos que carregaram o enfermo até ao aposento. Despiram-no e chamaram o médico da casa.

Com a previsão, provocada pela aproximação da morte, Caetano compreendeu a gravidade do seu estado e, vendo-se a sós com Lúcia, disse;

- Fecha a porta e ouve-me!

Ela estremeceu, fez o que ele ordenara e sentou-se à beira do leito; o mísero cerrara as pálpebras para concentrar as idéias no cérebro atormentado pela febre, e lentamente falou, apertando-lhe as mãos emagrecidas.

- Meu pobre anjo!... sei de tudo!... conheço o cruel sacrifício que me fizeste!....

A moça soltou espantoso grito e, com desvario, ajoelhou-se, súplice, bradando:

- Perdoa-os, paizinho!

E estreitando aquela fronte lívida ao coração, e orvalhando-a de lágrimas, ele acrescentou:

- De há muito, lhes perdoei, em atenção a ti, caro bem!....Durante um ano, tenho sofrido cruelmente, desde o momento em que tua mãe, delirante, tudo me revelou!.... Calculas o que padeci com semelhante golpe, mas nunca poderás imaginar a intensidade da angústia, que o teu devotamento me causou!... Qual! não há suplício, por mais hediondo que seja, que se possa comparar ao que senti!....Parece incrível que se viva ainda e que o coração não estale!.... Porém, o que é tudo isso, à vista do que padeces?!.... Imolaste teu corpo e tua alma, pobre santa, por mim, teu pai, teu melhor amigo e tão desgraçado que, de modo algum, te posso

compensar!....Para cúmulo de miséria, encontraste, mais tarde, o homem que teu coração amou e, pura, virgem, livre, ante Deus e a sociedade, não o pudeste seguir e o exilaste da tua presença!.... Oh! querida mártir, porque te sacrificaste assim!.... Antes me fizesses conhecer a minha desonra!.... Eu saberia punir, sem estrépito e, tu, inocente, terias entrado no festim da vida, onde a felicidade te esperava!... Perdoa! minha santa, a teu desventurado pai o martírio do teu viver!.... perdoa a quem, em breve, te deixara só e ainda mais triste! exclamou, juntando as mãos crispadas.

Enquanto falara, Lúcia o ouvira, pasma, petrificada pela terrível amargura do seu inútil sacrifício.

O coração parara, aflito, ante a atonia moral, que ameaçava despedaçar seu enfraquecido organismo.

À voz suplicante de Caetano reanimou-se lhe a alma em delíquio[34]; mas, ao ouvi-lo dizer que a deixaria em breve, bradou:

- Não! tu não morrerás!.... Mas, se morreres, bem cedo irei ter contigo! e desmaiou.

O pai soergueu-se um pouco, contemplou-lhe a face pálida e mimosa, beijou-a e disse, alisando-lhe os cabelos:

- Meu Deus! recebe-a em teu seio, faze com que não desperte, termina esta tortura!.... Toma-a dos meus braços, ungida com minhas lágrimas, pura como os anjos. Poupa-lhe a dor de me perder!

---

[34] Desfalecimento, perda dos sentidos, desmaio.(DH)

Lúcia estremeceu ligeiramente, abriu os olhos e suspirou; voltava à vida: Caetano olhou-a, com dor, agitou-se nos travesseiros e caiu em medonho delírio.

XXIII

O médico envidou todos os esforços para salvar o enfermo, mas tudo foi inútil: no fim do quarto dia, ele sucumbiu a um acesso pernicioso, tendo a filha a seu lado.

Morrera o ilustre ministro, em quem a pátria tinha poderoso apoio e, morrera justamente, quando tentava contribuir para grande melhoramento financeiro.

Infeliz Brasil! perdes sempre os homens de boas intenções e conservas os parasitas!

Lúcia piedosamente fechou os olhos a Caetano e, em vez de se lastimar, experimentou uma espécie de serenidade: ele cessara de sofrer e ela, em breve, partiria também.

Sua vida pautava-se pela do pai: vivera, enquanto lhe pudera ser útil: faltando-lhe ele, a sua missão estava também cumprida e só lhe restava desaparecer!

Dia a dia, seu enfraquecimento aumentava; Lúcia não se levantava mais; passava, em braços, do leito para o sofá, paciente,

indiferente ao que a cercava; a alma somente lhe vibrava à memória do pai e à saudade de Maximo.

Três meses depois da morte de Caetano, ela sentindo-se mais débil ainda, pediu que aproximassem da janela o divã, onde se achava deitada.

A tarde estava linda, os raios do sol empalideciam no ocidente, as cigarras cantavam e a brisa afagava a fronte da moribunda.

À pouca distância, Rodolfo e Melania conservavam-se, avelhantados, abatidos, em rigoroso luto: o marido, lívido, contemplava, comovido, aquela criatura adorada, que morria lentamente; a mãe, um tanto apalermada, olhava, sem compreender a gravidade daquela hora.

Lúcia abriu as pálpebras transparentes, fitou o céu azul, esplêndido, aspirou a aragem, impregnada de aromas e suspirou fracamente; uma lágrima resvalou, silenciosa, pela face pálida; era um adeus supremo, saudoso, angustiado, ao idolatrado Maximo.

Rodolfo mordeu o lenço para sufocar os soluços; Melania, irritada, disse-lhe:

- Como está sensibilizado! Só de mim não tiveste compaixão, monstro!

Surpresa, voltou-se Lúcia para eles, viu as lágrimas do marido e a cólera da mãe, pressagiando violenta cena; corou para ela, apesar do

frio da morte já a haver enregelado até a cintura e, súplice, balbuciou:

- Deixem-me morrer tranqüila!

Rodolfo correu a ampará-la; Melania continuou a vociferar, desvairada, medonha, em momentânea loucura, estado a que chegara nos últimos tempos.

O genro, desesperado, esqueceu que ela era uma semilouca; segurando-a pelos ombros, levou-a até a porta, empurrou-a febrilmente, deu volta à chave e voltou para junto de Lúcia.

Durante esta cena, Lúcia lançara sobre o rosto o lenço umedecido de lágrimas.

O moço aturdido pelos gritos de Melania e pelo ansiar do próprio coração, ajoelhou-se junto de Lúcia, comprimiu o peito dilacerado e, timidamente, descobriu o pálido semblante da mulher; estava morta, com dolorosa e tocante expressão!

Beijou-lhe os olhos, a fronte, as mãos, chorando, lastimando-a e amaldiçoando-se por haver contribuído para o martírio daquela existência.

Pobre santa! perdoa-me!....Se soubesses a intensidade dos meus pesares, tu me absolverias com tua alma angélica!..... Descansa, para sempre!

E, longas horas, ante Deus e aquele cadáver, redimiu, com amargo e sentido pranto, a parte que tivera na desdita da suave criatura.

Na Europa soubera Maximo da morte de Caetano, sinceramente o pranteou e tratou de voltar ao Brasil para consolar a mísera filha e mitigar infinitas saudades, curtidas durante um ano: chegara, justamente, na manhã do dia em que Lúcia morrera.

À noite foi vê-la e estremeceu, encontrando a porta cerrada: pressentiu uma desgraça, entrou, desvairado, aspirando o cheiro especial, que se desprende dos círios e atravessou vários aposentos, até deparar com a peça, em que a infeliz repousava.

Estacou; apesar de ter a defunta o rosto velado, adivinhou-a mirando aquelas unhas lustrosas, notando a magreza das mãozinhas de estátua.

Imóvel, mudo, com a vida paralisada, julgou morrer também e abençoou essa esmola do céu; mas operando-se a reação, ele cambaleou, apoiou-se ao caixão mortuário e caiu de joelhos, soluçando.

Rodolfo o havia reconhecido à claridade das tochas e se retirara, comovido, respeitando aquela dor imprevista.

Maximo chorou, durante muito tempo, sem escrúpulos, sem receio de ser surpreendido, entregue ao desespero: depois, ergueu-se, descobriu, a tremer, aquele adorável semblante e empalideceu; toa magra! tão linda! tão triste!

Contemplou-a longamente, parecendo-lhe que ela respirava, palpando-lhe o coração passando os dedos nos negros cabelos,

querendo adivinhar naquela imobilidade a última impressão da pobre alma, onde ele tanto imperara!

Ah! se pudesse observar aquelas retinas, encobertas pela pesada pálpebra, ai veria a sua miniatura, refletida pela suprema evocação da memória!

Beijou-a, loucamente, na boca, nos olhos, nas faces, sem temer a maledicência, caso o estivessem vendo, porque a morte e a desesperação se libertam de todos os preconceitos sociais!

Cobriu-a, de novo, com o lenço e saiu, sem alma, sem futuro, morto para o mundo.

XXIV

Dias depois, ao crepúsculo, ajoelhado junto à lousa de Lúcia, Máximo chorava, quando sentiu que lhe tocavam no ombro; voltou-se e viu Rodolfo pálido, olhando-o, comovido.

Diante do túmulo, em face do aniquilamento, todas as paixões desaparecem e a idéia de que ecoa em outro peito a dor, que nos punge, consola e confraterniza até dois inimigos.

Vendo Rodolfo o sofrimento de Maximo, esqueceu os cruéis ciúmes que lhe causara outrora a apertou-o ao angustiado coração.

- Sei que muito a amava e compreendo o seu padecer! disse.

Maximo levantou-se: Rodolfo, apoiando-se à borda do próximo sepulcro, acrescentou lívido:

- Amou-a, mas ignora todo martírio daquela existência!.... Ouça-me!... preciso desabafar o desespero que me rala, há seis anos e, durante esse tempo, não encontrei um seio amigo, a quem pudesse confiar minha angústia!

Com o coração a sangrar, Maximo ouvia-o, venerando a mísera criatura, que se imolara voluntariamente; compreendeu, então, o mistério daquela melancolia e a grandeza daquele filial devotamento.

Quanto devera ter sofrido a pobre e amante alma, amarrada ao seu sacrifício, ocultando as lágrimas, mostrando sempre o mesmo sorriso, a mesma calma!

Rodolfo terminou dizendo:

- Julga que meus pesares me redimiram?

Fale sinceramente!.... Suplico-lhe!

Tristemente o contemplou Máximo e, apertando-lhe a mão, murmurou:

- Estás absolvido!.... padeceu muito.....Sinto que ela o perdoa pela comiseração que o senhor me inspira!.... Meu coração não poderia sentir esta compaixão, sem o influxo de sua grande alma..... Como me revelou o que eu não sabia, é justo que lhe diga uma coisa que, sem dúvida, ignora. Se parti, foi porque ela pediu ao pai que me enviasse à Europa!.... A santa criatura consumou os sacrifício, afastando-me da sua presença e eu tive o medonho pressentimento de a perder!.... Ali, onde repousa, está também a minha vida, com ela morri!

Não sabiam, porém, que ela se devotara inutilmente e que Caetano, antes de expirar, lhe confessara conhecer o terrível segredo, destruindo, com semelhante revelação, o consolo que a infeliz sentia, por se haver sacrificado pela tranquilidade paterna.

A noite lentamente baixara e os dois desgraçados choravam pela branca donzela, a quem haviam amado.

Meses depois, embarcava para a Europa Rodolfo com Melania, completamente louca, a ver se os médicos afamados conseguiriam minorar o estado da mísera: estava feia, velha e perdida para sempre.

Rodolfo, em Paris, ia visitá-la algumas vezes e saia, horrorizado, quando assistia aos terríveis acessos, que tanto interessavam à ciência, prendendo as celebridades médicas ao leito de torturas.

Sofreria a infeliz até morrer, o que não estava muito longe, à vista do enfraquecimento geral, em que se achava: em breve cessaria, pois, de vegetar.

Anos depois, descansava Melania no Père-Lachaise[35] e Rodolfo vivia como anacoreta, só, pálido, sempre de preto, perdido no ruidoso e deslumbrante Paris.

Fazia esmolas, dotava as filhas dos operários, livrando-as da perdição, protegia os estudantes pobres, contribuía para o bem-estar

[35] O mais famoso entre os vinte cemitérios parisienses. Aberto em 1804 abriga personagens famosos como Abelardo e Heloisa, Molière, La Fontaine, e se tornou o repouso último das celebridades artísticas e políticas da França. Em um de seus muros foram fuzilados os líderes da Comuna de Paris, em 1871.

de muita gente, querendo compensar, desse modo, todo o mal que fizera à desventurada Lúcia.

O compadre Bernardo mumificara-se em vida e tornara-se satélite de um senador bonacheirão: lamentava haver crismado todos os filhos e não poder a comadre Euzébia dar mais cidadãos à pátria, tendo tido o décimo sexto pimpolho, havia sete anos.

Beatriz, sempre desfrutável, seguira o exemplo materno e, de nove em nove meses, apresentava mais um herdeiro ao rechonchudo marido; estava quadrada e vermelha como uma papoula.

Uma noite, em Milão, no Scala, representava-se *Lucia de Lamermoor*: Máximo entrara, no momento em que Edgardo a amaldiçoa, cantando-se o belo *ensemble*, que constitui um dos melhores pedaços da ópera.

Ele cerrara as pálpebras, em saudosa meditação; a alma, enlutada, transpusera o oceano, e, plangente, ajoelhara ante a lousa da mulher amada.

No último ato, ouvindo a voz queixosa e abemolada do tenor desprender-se em melodias, entoando – *a bella alma innamorata*, ele, pálido, de pé, no fundo do camarote, com a formosa cabeça de

Antinoüs[36] encostada à parede, de braços cruzados, em rigoroso luto, ainda mais padecia.

O coração gemia-lhe no peito, os ombros estremeciam e os soluços sufocavam-no: saiu, aniquilado, quando, ferido em cena, caia Edgardo[37].

Era ainda belo, rico e vivia com a saudade, que o alimentava torturando-o: renunciara a todas as alegrias, viajava constantemente.

Amanhecia em um lugar e, ao anoitecer, estava a muitas léguas de distância, passando as horas em incessante movimento, à espera que a morte o libertasse do seu penoso viver.

E dizem que a vida é dom precioso!

Sem dúvida; mas, unicamente para os insensíveis e os egoístas!

FIM

1883

---

[36] Antinous fora um escravo amado, e muito pranteado, pelo Imperador helenizado Adriano. Conta-se que era belo, inteligente e espirituoso e que morreu nas águas do Nilo.

[37] Ópera de Donizetti com libreto de Cammarano, baseada numa estória de Walter Scott. Meio a uma luta entre feudos na Escócia, Lúcia ama Edgardo, mas, mal entendidos, enganos, traições acontecem por toda parte e ela acaba casada com alguém a quem não ama e a quem apunhala na noite de núpcias; o vestido de noiva tinge-se de sangue, ela enlouquece. Encontra Edgardo, cantam um dueto sublime. Ela morre, "minha louca felicidade foi um sonho".